

ZOONARRATIVAS
ZOOPOÉTICAS

– antologia literária –

Érica de Oliveira | João Paulo Hergesel

(organizadores)

ZOONARRATIVAS
ZOOOPOÉTICAS

– antologia literária –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

Z87 Zoonarrativas zoopoéticas: antologia literária. / Vários autores ;
organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio,
SP : Jogo de Palavras, 2019.

124 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-06-7

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5.
Adolescentes. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2019

www.jogodepalavras.com

Sumário

Poema vadio

André Foltran..... 9

O hamster

Alberto Arecchi..... 10

Lupita, fiel guardiã

Alcidéa Miguel..... 11

Senhor Bichano

Aldirene Máximo..... 20

Diversidade

Ana Carolina Gonzaga..... 22

Dia de caça

André Luís Machado Galvão..... 23

[Sou como o instante]

Arthur Furtado Tomain..... 24

Solidão acabou

Carolini Assmann..... 25

Borracha

Cristina Pezel..... 27

O dia do gato

Dora Oliveira..... 30

De traseiro pra Lua

Edih Longo..... 34

Cordel para os prefeitos do Cerrado

Edson Amaro de Souza..... 38

O animal fugido	
<i>Emanoel Santos Fernandes</i>	40
Bruce	
<i>Evandro Valentim de Melo</i>	41
Juramento de quatro patas	
<i>Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva</i>	48
Doce surra	
<i>Guilherme Ferreira Silva</i>	50
A ninhada	
<i>João Pedro Marques Morgado</i>	51
O cavalo que queria ser famoso	
<i>Joaquim Bispo</i>	54
Zoofilia erótica	
<i>Josafá de Oros</i>	59
Lady Macbeth	
<i>José Renato Ferraz da Silveira</i>	60
Contagem regressiva	
<i>Julia Celeste Pereira de Araujo</i>	61
Um lar	
<i>Karol Póss</i>	62
Sophia e os gatos	
<i>Léo Ottesen</i>	66
Carne	
<i>Leonardo Lorea Mattar</i>	75

Sabiá na janela <i>Mikael Mansur Martinelli</i>	78
Aquele olhar <i>Nanci Otoni</i>	79
A travessia <i>Patrícia Maria da Conceição Silva Santos</i>	82
Lalá, a lagartixa medrosa <i>Paulo Ismar</i>	89
A morte do boi <i>Paulo Luís Ferreira</i>	92
Sabiá do quintal <i>Pedro Galuchi</i>	94
Floquinho <i>Regina Ruth Rincon Caires</i>	96
Minie <i>Renata Leone</i>	102
Amigo <i>Robinson Silva Alves</i>	104
A borboleta e a aranha <i>Sílvia Ferrante</i>	105
Um dia na roça <i>Soeli Tiegs</i>	107
Encontro marcado <i>Thais Evangelista</i>	110
Passarinho <i>Tiago Arauto</i>	111

Os ratos vão pro céu?	
<i>Vitor Miranda</i>	112
O cachorrinho da vizinha	
<i>Wilson Duarte</i>	116
Sobre os autores	117

Poema vadio

André Foltran

Numa rua qualquer eu vejo um cão
e o cão me vê.

Nos entreolhamos: não há anteolhos
nem filosofias.

Vejo o cão mas não reparo o cão
e nem o cão desvenda
o meu segredo.
Não há trânsito.

Daqui a pouco o cão irá passar
— eu também hei de passar —
e nada disso terá importância.
Mas há algo novo, inteiramente novo
acontecendo aqui:

entre mim e o cão
um poema
se elabora.

E pra qualquer lado que decidirmos ir,
a partir de agora, será a caminho
da eternidade.

O hamster

Alberto Arecchi

Andava pelas ruas sem rumo certo,
conduzindo o carro de um amigo cego,
quando choquei com uma nútria pequena
que acabava de sair de uma lap-dance.

Eu nem vi o bichinho travessando,
pois olhava para o sinal amarelo
e acelerava, para não parar.
Em vez disso, começou uma longa noite.

Eu teria preferido um porquinho
rosado e roliço, pra fazer presunto,
em vez daquele pequeno ratinho
reduzido a uma pele estirada.

Agora estou parado no meio de uma rua,
assinando papéis, conciliações,
para dizer que a nútria me cruzou caminho,
quando o verde era ainda em meu favor.

Lupita, fiel guardiã

Alcidéa Miguel

Ouviam-se crianças e adultos batendo palmas, aplaudindo o nascimento da 4ª cachorrinha que a mamãe cadelinha estava parindo. Todos da raça poodle, lindos!

Ela se chamaria "Lupita" Branquinha como a neve!

Cabia na palma das mãos da menina Andressa, que tinha 10 anos de idade.

Lupita nasceu em Mauá, Grande ABC, em São Paulo, num apartamento de 50m².

Andressa já tinha mais dois cachorrinhos, por isso sua mãe já havia decidido dar para adoção os filhotinhos recém-nascidos, pois o apartamento que moravam era muito pequeno para criar tantos filhotes.

Andressa, então, decidiu doá-la à sua professora de artes, chamada Prô Andréia.

Esperou Lupita fazer 01 mês de idade, tomar as primeiras vacinas e num sábado de Sol foi com sua mãe levar a recém-nascida cadelinha para a casa da Prô Andréia, que morava em São Caetano do Sul-SP.

Colocaram-na em uma caixinha de sapatos, aqueceram com um cobertorzinho, e seguiram o trajeto. Lupita ficou bem quietinha, segura dormindo no colinho da menina Andressa.

Chegando à casa da professora, tocaram a campainha e a prô Andréia veio correndo buscar sua tão esperada cadelinha, dos braços da sua aluna do 5º ano do ensino fundamental: Andressa.

A Prô disse eufórica: "Oh, que gracinha, minha bebê! Linda! Meu floquinho de neve vai dormir lá no meu quarto, bem pertinho de mim!".

Seu marido Alcir disse: "Nem pensar! No nosso quarto não dormirá nenhum cachorro... Lugar de cachorro é no quintal. Já vou preparar uma caminha pra ela no quintal. É lá que ela vai dormir."

Andressa e sua mãe arregalaram um olhar de espanto e sua mãe disse: "Mas nossos cachorros sempre dormiram dentro de casa, não vai dar certo deixar minha cachorrinha com vocês! Vão maltratá-la. Ela vai morrer de frio, pode até pegar uma pneumonia! Nossa, não vai dar pra deixar aqui, não!"

Seu Alcir continuou teimando e resmungando com as doadoras, mas prô Andréia disse a elas: "Fiquem seguras. Deixe Lupita comigo. Ela vai ser muito bem tratada! Com Alcir eu me entendo. A Prô olhou feio para seu esposo. Ele ficou calado."

Pegou os pertences da cadela Lupita, se despediu das doadoras: a aluna Andressa e sua mãe.

Agradeceu a ambas e entrou para casa com a cadelinha que tremia de medo, ou frio, nem sei, mas parecia insegura. Creio também que sentia falta do leitinho do peito da sua mamãe e da companhia dos seus 4 irmãozinhos. Coitadinha! Por nascer num apartamento pequeno teve que ser doada. E agora? Onde dormiria? Dentro ou fora de casa? Começou a chover.

Trovões fortes, doía os ouvidos e Lupita ficou agarradinha aos pés do Sr Alcir, pois estava assustadinha. Estava fazendo calor, mas chovia muito e o relógio marcava 20h30min.

Naquela noite foi tranquilo, a Prô Andréia convencer seu esposo Alcir a deixar Lupita dormir em vosso quarto. Ela dormiu em uma caminha bem quentinha ao lado da cama do casal.

Dormiu a noite inteira. No outro dia, um belo domingo, toda família estava em casa: o casal e mais três filhos jovens. Todos mimaram a cadelinha linda. Deram mamadeira, levaram para visitar a vovó deles que morava na rua transversal a deles, cerca de 100m de distância. Vovó Cema amou a cachorrinha Lupita, mas em sua casa havia outra cachorra maior e todos tinham medo que Lupita

fosse engolida pela cachorra da vovó. Lupita o tempo todo no colinho deles.

Ah, mas logo veio chegando a noite novamente! E agora? Onde a Lupita dormiria?

Hum... agora é que vamos ver. Prô Andréia ninou a cachorrinha em seu colo, a colocou bem de mansinho na caminha e de repente, ai ai ai, foi surpreendida por um forte grito vindo do Seu Alcir: "Amor, eu já disse, ouviu? Vou dizer de novo! Lugar de cachorro é no quintal."

Gritou mais forte ainda: "Coloque agora essa cachorrinha pra dormir no quintal. Isso é uma ordem, você ouviu Andréia?"

Andréia, morrendo de susto e medo, olhando para a Lupita que acordou assustada, nada respondeu. Pegou Lupita, sua caminha, seus pertences e levou para o quintal próximo à lavanderia.

Colocou-a num cantinho bem aconchegante, onde havia uma cobertura. A noite era quente.

Arrumou sua casinha por lá para que se sentisse bem e fixasse residência ali.

Prô Andréia chorava muito. Sentia pena de Lupita, pois, numa noite anterior se separou da sua mãezinha cadela, seus irmãozinhos, sua dona, sua casa em Mauá, tudo era novo para Lupita e teria que se acostumar a viver em um quintal tão grande, ainda que a raça Poodle gostasse de viver dentro de casa. Andréia soluçava de chorar, mas Alcir não se compadecia. Virou para o outro lado da cama e dormiu. A cachorrinha chorou, durante aquela noite toda, batia com as patas na porta bem forte para ver se alguém abria e sua dona entristecida nada podia fazer por ela.

Por mais algumas noites chorou, rosnou, até acostumar com o espaço externo. Foi difícil, mas acostumou. A Partir daquele domingo, Lupita passou a morar no enorme quintal da casa. Corria de um lado para outro. Era feliz enquanto todos estavam em casa.

Quando saiam para trabalhar, Lupita se revoltava por sentir solidão e aprontava todas!

Arrancava todos os ralos do quintal, mordida ao ponto do Seu Alcir ter que substituí-los,

Arranhava o carro da Prô Andréia. Quando a Prô pegava a bolsa para ir trabalhar, Lupita entrava embaixo do carro dela para ela não conseguir sair com o carro. Ah, dava o que fazer! Uma dificuldade para tirá-la debaixo do carro. Andréia chegava sempre atrasada no trabalho por causa dela. Ao abrirem a garagem para saírem, a cadelinha fugia para a rua e não voltava, atrasando-os para o transporte e para as aulas dos filhos na escola,

Fugia do quintal da Prô Andréia para a casa da Vovó Cema e arranjava briga com o cachorro da vó, comia a ração do cachorro da casa, causava por lá e ainda não queria voltar pra casa, porque não suportava a solidão. Quando a família viajava, Lupita fazia greve de fome. Ficava muitos dias sem comer. Quando a família regressava, a cadelinha ficava de mal com todos. Não vinha no colo de ninguém, não dava atenção a ninguém, era muito interessante.

Era de tamanha inteligência! Notório que já estava depressiva, a bichinha. Queria atenção e a família da Prô Andréia era muito ocupada, trabalhava muitas horas por dia e em todos os feriados viajavam para lugares onde não poderiam levar animais. Escalavam sempre uma das tias para dar comida para a cadelinha, enquanto viajavam. Era um perfil de casa imprópria para receber animais de estimação. O animal quer carinho e atenção. É Dotado de sensibilidade. Lupita a cada dia estava mais rebelde. Por outro lado, era muito bem tratada quando os donos estavam em casa, por isso sentia mais ainda a ausência deles. Toda semana era levada por sua dona ao Pet Shop tomar banho e voltava de lá tão bonitinha, com lacinhos na cabeça!

Parecia um bichinho de pelúcia. Prô Andréia babava na beleza dela.

Certo dia, em uma crise de estresse, Lupita começou a arrANHAR todo o carro do Seu Alcir.

O carro novo ficou horrível! Todo arranhado com as patinhas dela. Ah! Pra que Lupita fez isso? Ele não bateu nela, mas deu um grito tão forte com a sua esposa que estremeceu a casa.

Seu Alcir disse: "Andréia, eu ou a cachorra aqui em casa! Nós dois no mesmo espaço, não vai dar certo. Vou sair para trabalhar, voltarei ao final da tarde. Não quero mais ver essa cadela aqui. Veja lá o que você resolve."

Ele saiu para trabalhar. Prô Andréia começou a chorar muito, sem consolo. Não conseguia parar de chorar. Teria que mandar embora sua Lupita. Seu encanto, seu floquinho de neve. A presença dela havia feito tão bem a Prô Andréia que sofria de doença de pânico antes de ela vir para sua casa e com a presença da cadelinha, Andréia havia superado a enfermidade.

Andréia começou a lavar o quintal sem parar de chorar, quando passou uma conhecida em frente a sua casa e falou: "Olá, Prô! Tudo bem? Nossa, que cachorrinha linda!".

Andréia disse: "Você quer pra você?"

Dona Nice disse: "Não posso pegar, já tenho 03 cães. Mas minha cunhada quer, está procurando um para adotar. Vou falar com ela e te telefono logo mais, pode ser assim?".

Andréia: "Sim, pode ser. Fico aguardando seu retorno".

Andréia voltou para dentro de casa, guardou a mangueira, deu ração para Lupita, quando o telefone tocou: "Alô, quem fala?".

Nice: "Sou eu, Andréia! Minha cunhada vai querer adotar a sua cachorrinha, só que você terá que vir trazer na casa dela, pode ser? Traga tudo que ela tiver: ração, roupinhas, cama, tudo...".

Imediatamente Andréia pegou todos os pertences da Poodle que ela tanto amava e chorando foi levá-la para seu novo lar. Não suportava a ideia de ter que se separar da bichinha. Tão

meiga, linda, carinhosa, companheira! Ficaria para sempre sem ela. Era profunda a dor da separação.

Chorava no caminho todo, até que chegou à casa da cunhada da dona Nice.

A filhinha de 04 aninhos veio correndo buscar Lupita. A menininha chamava-se Lorena.

O nome da cunhada da Nice era Rita, tinha 29 anos, casada e tinha somente uma filhinha.

Rita não se continha de alegria ao receber uma bela e muito bem cuidada cachorrinha com lacinhos vermelhos na cabeça. Muito bonitinha. Lupita agarrou em Andréia e não queria soltar-se. Parecia estar entendendo que mudaria de dono e não queria. Gostava de Andréia.

A cadela chorava muito junto com sua antiga dona. De contrapartida, Lorena e sua mãe Rita sorriam de felicidade, pois tinham um gatinho que havia morrido atropelado há 02 meses, ainda estavam em luto. Lupita as alegraria muito, preenchendo o vazio da perda felina.

O cenário era uma contradição! Um estica e puxa, Rita puxava Lupita do colinho de Andréia, Lupita agarradinha com Andréia e as duas chorando: antiga dona e a cachorrinha. Que cena triste!

Mas fazia-se necessário. A cadelinha seria mais feliz na casa de Rita e Lorena, onde as duas teriam todo tempo do mundo para ficar com ela, dar banho, passear, dar carinho, comida, brincar, ensinar novas coisas e tudo mais. Prô Andréia foi embora para casa aos soluços.

Lorena começou a brincar com a cachorrinha, a levaram para passear a fim de conhecer seus novos coleguinhas, cães vizinhos. Foram ao parque com ela. Não tinha muito costume de passear, por isso, no parque, arranjou confusão com todos os cachorros que passavam.

Rosnava para eles, ia para cima, nervosa, e Lorena e Rita tinham que amenizar as brigas.

À noitinha, na hora de dormir, na casa de Rita era bem diferente! A caminha de Lupita já estava prontinha: era um antigo cesto de vime modelo “Moisés” ao cantinho do quarto da Lorena, com cobertorzinho xadrez, ossinhos, tapete higiênico, todo quentinho para a mais nova nenê da casa. Estava sendo paparicada como sempre sonhou a princesinha cadela Lupi, como Lorena a chamava. Dormiu muito bem a noite inteira. Nem parecia que estava de casa nova. Nem estranhou, pois estava bem segura nos braços da nova família que a adotou.

Amanheceu o dia, Lupi, como assim a começaram a chamar, acordou, comeu a ração e já foi correndo ao quintal conhecer o portão.

A rua era bem movimentada. Ficou olhando pela fresta do portão a movimentação dos carros.

Parecia planejar algo. Todos ficaram atentos e já resolveram colocar gradinhas de arames no portão, se prevenirem da pequena fugir pela abertura.

Lupita gostava de assistir televisão no colinho de Lorena. Todos os dias quando a menina ia assistir, ela já pulava para junto, a acompanhar a programação. Uma gracinha vê-las tão concentradas na sala! Rita ficava sossegada nos afazeres da casa porque sabia que sua filha estava bem ao lado da cadela amiguinha. Um encanto de criatura, dizia Rita com orgulho a todos que em sua casa chegavam. Num certo dia, quando todos estavam na cozinha de sua casa: Rita, seu esposo Luiz, sua filhinha Lorena e em seu colo a cadela Lupita, a família em conversa degustando bolinhos de chuva açucarados, entrou de repente um enxame. Todos levaram um tremendo susto! Olharam bem para os bichos, tratava-se de abelhas africanizadas. As abelhas africanizadas, geralmente, são muito mais defensivas que outras espécies e reagem a perturbações muito mais rápido do que

as abelhas ocidentais. Perseguem as pessoas, quando pegam, picam por muitas vezes, matam as pessoas e matam animais, chegam a matar até cavalos.

Naquele dia a sorte não estava para a família de Rita!

O enxame invadiu a cozinha, a casa toda, saiu dando muitas picadas em todos.

Ouviam-se os gritos um a um pelo típico som de criancinha, que Lorena estava sendo atingida, a voz grave do Sr. Luiz gritando, a voz Aguda da Dona Rita, os latidos desesperados da cadela querendo se defender e proteger seus donos. Havia somente 03 meses e meio que a cadelinha morava com eles, e isso tudo havia acontecido. Eles gritavam sem parar.

Lupita se colocou na frente das abelhas, fazendo como se fosse um paredão para impedir a passagem delas. Tomou a frente de tudo, se expondo para a maior parte das picadas, protegendo assim os seus donos do maior número de picadas. A cachorrinha levou muitíssimas picadas, e seus donos, Rita, Luiz e Lorena um número bem menor de ferroadas.

A gritaria pedindo socorro era tão grande que os vizinhos chamaram o Corpo de Bombeiros que logo chegou buzinando estridentemente. O Corpo de Bombeiros socorreu a todos e foram levados ao hospital com muitas picadas, muitos ferimentos. Gemiam de dores.

No cantinho do quintal estava Lupita, um floquinho de neve, um bolinho algodão, cheinho de sangue! Coitadinha... Os vizinhos correram para pegá-la, consolá-la, quando ouviram ecoar um choro de lamento de um adolescente que também estava lá, com o grupo para ajudá-los, dizendo: "Ela está morta! - E gritava - não tem mais jeito gente! A bichinha está morta! Vejam, olhem isso, toda picada pelas abelhas assassinas."

Diziam: "Ela se colocou à frente do enxame para proteger seus donos!". Coitadinha... choravam todos debruçados sobre o corpinho de Lupita. Muito triste!

Seus donos ficaram internados, os vizinhos enterraram Lupita em uma caixinha cor-de-rosa.

De longe se ouviam os soluços de choros e lamentos pela morte da cadelinha fiel.

Como foi fiel! Morreu para salvar a vida dos seus donos.

"Lealdade, qualidade de cachorro que nem todas as pessoas têm". (autor desconhecido).

Senhor Bichano

Aldirene Máximo

Senhor Bichano era animal:
Após o banho lia o jornal.

Tomava leite com chocolate
E comia biscoito com tomate.

Tirava retrato dizendo “xis”
Ele era um gato feliz.

Desenrolava a lã da vovó
Pois estava cheia de nós.

Caçava ratinhos peraltas
Que queriam ser piratas.

Almoçava almôndega com macarrão
Lavava a louça com água e sabão.

Paquerava a gata da casa ao lado
Sonhava ser o seu namorado.

Assistia TV sozinho
E adorava receber carinho.

Senhor Bichano tinha amigos cantores
Que cantavam no Coral das Flores.

A melodia acalmava o coração
De quem apreciava uma boa canção.

Dormia à luz do luar
Estudava o verbo Miar.

Dançava em festas de aniversário
Limpava bem os aquários.

No parque, comprava doce algodão
Tinha um bom coração.

Amava a primavera
Pintava uma aquarela.

Um gato sem defeito:
Meu amigo do peito!

Diversidade

Ana Carolina Gonzaga

O cocoricó dos galos
me desperta pela manhã.
O cantarolar dos pássaros
melhores lembranças de minha irmã
O pocotó dos cavalos,
eles querem maçã.
O olhar da Canina Branca
é como guardiã.
A corrida da corça
rapidez de rolimã.
A delicadeza da joana
tão bela como cortesã.
A tromba do elefante
sempre como maracanã.
Não importa quem eles são, e como eles são
Eles sempre serão puros
E só querem carinho.

Dia de caça

André Luis Machado Galvão

Lá pra aquelas bandas
havia um vira-lata
chamado Resolvente.

Bom de caça,
bom de faro,
aquele branco e vermelho
em tamanho mediano
exibia simpatia e esperteza canina.

Resolvente não contava conversa:
via uma perdiz
e caía pra dentro
Avistava uma codorna
e era só pena voando.

Resolvente era esguio,
pequeno cachorro menino,
caçador dos matos,
valente herói de quatro patas.

Mas um dia,
Resolvente mordeu um Luiz Cacheiro
e não resolveu mais nada.

Arthur Furtado Tomain

Sou como o instante
De leve não tem nada, mas segue
Porquanto rápido vai adiante
Ah! Sol e azul do meu peito

É tudo um pequeno pássaro
que neste instante está em queda
e não abre as asas
que no átimo final se salva

E bate, bate as penas
Sobe no ar como uma paina
Imersa no azul-vidro-céu
com sol que não queima, pois quentinho

Assovia: Iiii... Iiiii... iiisss
sTististis... tititi... stististis
Uu... Uu... Uuuu... Uu... Uu
Isu... Isu... Isu... Isu... Isu

Vosquece agora!
Cai de novo de asas fechadas
No pequeno corpo marrom
Voa, voa, cai, esquece e canta pra continuar.

Solidão acabou

Carolini Assmann

Eu me sentia sozinha, depois que todos se foram. Meu namorado me deixou, meus pais já faleceram, não tenho irmãs, nunca achei que fosse encontrar um companheiro igual ao Fofo. Eu achava que eles não entendiam nada e que só serviam para latir no pátio.

Minha manhã foi diferente quando o encontrei, na verdade ele quem me encontrou. Estava atrasada indo trabalhar, caminhava na rua e de longe ele me encarava, achei que fosse me morder, conforme eu me aproximava sua expressão mudava, atravessei a rua, achei que ele fosse me morder, olhei para trás, ele continuava me encarando, mas sua expressão agora era de tristeza. Será que ele ficou triste porque atravessei a rua? Ri e continuei meu caminho.

No final do dia já havia até esquecido dele, faço sempre o mesmo caminho, atravessei a rua, e lá estava ele me encarando novamente, conforme eu chegava mais perto, mais feliz ele ficava, fazia tempo que alguém não ficava tão feliz em me ver. Ele ficou sentado, me olhando, passei e dei oi, o rabinho entrou em desespero não parava de balançar. Continuei caminhando, cheguei em casa, abri o portão, olhei para trás, ele está sentado me olhando, eu não acreditei que ele me seguiu. Perguntei se ele queria entrar, nem precisei terminar a frase, ele já correu pelo pátio. Ele estava sujo, machucado, devia estar com fome e sede. Será que eu devo ficar com ele? Será que saberei cuidar? Mal eu sabia que ele é quem cuidaria de mim.

Abri a porta, entrei, ele ficou sentado na porta, peguei um pote com água, voltei e dei para ele, tomou quase tudo, tadinho, estava com sede, ele estava fedido também, se aproximou e lambeu a minha mão, estava me agradecendo, que fofo. Levantei, peguei shampoo, uma esponja, levei ele para a área e dei um banho, ele

saiu pulando de felicidade, como dei risada, ele balançava o rabo, ele estava feliz e eu também estava, fazia tempo que não ria tanto, ele acabou ficando e se tornando minha melhor companhia.

Ele ganhou meu coração e eu ganhei o dele, meu melhor companheiro em todos os momentos, ele sempre sabe o que sinto e sempre me consola com o seu jeitinho fofo.

Borracha

Cristina Pezel

— Como o senhor me explica isto? Diga? COMO?

O olhar inquisidor de Antenor jogou Borracha ao chão. Borracha era um cachorro. Estava com a “face do pecado mortal”, que é aquela cara que nós fazemos quando estamos com culpa no cartório.

Os cães fazem essa cara muito melhor que a gente. Mais convincentes e mais comoventes.

Em Borracha, essa expressão era de cortar o coração. Ele era todo bege e com uma pelagem longa, despenteada, daquelas que a gente fica pensando o que vai encontrar se embrenhar os dedos para um afago. Os olhos, cor-de-mel. Focinho peludo e expressivo, bordado na ponta por aquela mancha preta que era seu nariz.

— Saaaai pra lá! Fora daqui – falava Antenor gesticulando com a ponta do dedo mostrando o caminho dos réus. – Vai pra sua casinha, a-go-ra! Não sei mais o que fazer com você!

Borracha levantou-se muito devagar, cotoco entre as pernas – se é que isso dá pra se fazer – e lançou um olhar muito triste e perdido para o chão. Seus passos foram lentos, pesarosos. Entrou em sua casinha e se enrolou. Ao deitar, ficou somente com o nariz preto para fora e os olhos brilhavam lá do fundo, olhando para Antenor, implorando mais um perdão.

Um pulo ao passado talvez possa explicar algumas coisas. Ele era ainda um filhote com dois meses e iam chamá-lo de Príncipe, quando, em certo dia, o encontraram deitado de lado, com aquela barriga totalmente protuberante em forma de montanha. Parecia o Pão de Açúcar no Rio de Janeiro. Descobriram que ele havia roído, mastigado e engolido um pedaço da mangueira de borracha. Por sorte não morreu, mas o evento mudou-lhe o nome.

Daí pra frente, foi uma sequência. Vários chinelos com ponta roída. As borrachinhas dos pés das cadeiras desaparecidas. Solas de sapato com pedaços misteriosamente comidos. Brinquedos para cães que se transformavam em pequenos vestígios coloridos pelo quintal.

Antenor amava Borracha. Mas não sabia mais o que fazer com aquele cachorro.

Já tentara remédio contra lombriga, já trocara de veterinário três vezes. Homeopatia, florais e até terapeuta canino. Mas parecia que Borracha não tinha jeito.

Certo dia, um treinador para cães, que era o profissional da vez para dar uma solução ao caso, tentou algumas táticas com Borracha, mas concluiu que era mesmo um caso perdido. Sugeriu uma linha de trabalho diferente. Quem tinha que mudar eram as pessoas da casa, e não Borracha.

Durante meses o problema pareceu estar resolvido quando todos se disciplinaram a nunca mais deixar chinelos, sapatos, mangueiras, brinquedos ou qualquer outro artefato de borracha ao alcance de Borracha. Sim, isso funcionou bem por algum tempo.

Até aquele dia.

Antenor ia sair com a esposa para um casamento.

A síndrome de abstinência pegou forte em Borracha, e ele realmente ultrapassou os limites.

— Borracha! – Antenor deu um grito de sacudir o quarteirão.

— O que houve, querido? – gritou a esposa lá de dentro – Algum problema? Tá na hora da gente ir!

No chão da garagem, miúdos pedaços e lascas de fibra, plásticos, fios, e... borracha.

O para-choque dianteiro parecia ter sido mastigado por um tubarão. Sobre a roda da frente, a lateral do carro, de fibra, estava totalmente lanhada, com indiscutíveis marcas de dentes. Via-se o

caminho dos fios rompidos que chegavam até os faróis. Via-se também várias mangueirinhas partidas, que ele nem queria imaginar para que serviam. Antenor conheceu, naquele dia, partes do carro que nunca vira antes.

Borracha estava diante dele, a certa distância, mastigando eufórico um pedaço de fio azul, feliz com seu novo cardápio.

Foram de táxi.

O dia do gato

Dora Oliveira

Sábado. Dia de vacina antirrábica. O dono procura o gato pela casa:

— Vespúcio, Vespúcio!

Encontra-o dormindo no sofá. O folgado mexe as orelhas e continua na soneca matinal. Um gato dormir dois terços do dia! É muita preguiça para quatro patas e um monte de pelos macios e compridos. Mas o leitor deve entender que a energia absorvida pelo coitado é excessiva. Gente maldosa no portão com intenções sinistras, amigas invejosas e vizinhos agourentos. Precisa dormir para remover a negatividade e harmonizar o lar. Zela pelo bem da família que adotou.

O dono pega o animal de estimação, que ronrona preguiçosamente em seus braços. Procura uma sacola ou caixa para transportá-lo. Não encontrando, enfia-o em uma camiseta de malha velha. Que horror ficar preso naquele pano escuro, cheirando a naftalina e mofo de guarda-roupa! Avesso às imposições e obediências, costuma fazer o que quer e quando tem vontade. Como gosta muito do pai humano, confia nele. É colocado dentro do baú, na motocicleta. Que mudança é essa, meu Deus? Vespúcio não aprecia surpresas e incertezas. Não sabe aonde vão. Acomoda-se, releva. O odor é agradável ao seu olfato apurado. Misturam-se cheiros de presunto, queijo, bacon, batata frita e pão. O baú é utilizado para carregar as compras e fazer as entregas de lanches e pizzas. Com a permissão do leitor, omito o nome da pizzaria. Se boatos, de que serve também para transportar animais, disseminarem pela cidade, o estabelecimento poderá perder a clientela de entrega em domicílio. Dono determinado e gato domado seguem para a vacinação.

Adentram a escola onde se realiza a campanha anual de vacinas. Vazia. O dono pressupõe que o atendimento será rápido. Avistam algumas pessoas em uma sala e se aproximam. Uma mulher os recebe à porta:

— Bom dia!

— Miau, miau! – mesmo com os olhos azuis cobertos, Vespúcio enxerga um fogaréu, uma figura difusa. Rasga o pano, arranha a mão do dono e escapa.

Devem ser o vestido vermelho e o perfume nauseante da senhora que mexeram com os nervos do felino, provocando tamanho destempero. Trêmula e lívida, ela pensa tratar-se de um assalto. Convenhamos, leitor, um homem com capacete na cabeça e um pano enrolado nas mãos pode estar armado! Se bem, que um gato enfurecido, saltando como um tigre siberiano, também pode ser uma arma perigosa e letal.

O bichano se embaraça nas pernas das senhoras e se esconde debaixo de uma mesa, no fundo da sala. Elas se apavoram, gritam histéricas. Umas espirram, alérgicas a pelos de quaisquer espécies. Outra treme, sente vertigem.

— Você tem ailurofobia, querida – a professora de língua portuguesa esclarece.

— Não sei que bicho é esse, tenho é pavor de gato mesmo! Não consigo respirar.

Todas querem saber que homem é esse. A professora de vermelho confronta o intruso:

— O que deseja? O senhor está atrapalhando a reunião de professores.

— Quero pegar o gato, dona...

— Entre, pegue o gato e nos deixe em paz.

O homem gordo atravessa a sala e tiburum! Escorrega-se na tábua encerada, batendo o traseiro no chão. O capacete cai. Aparece um rosto corado, molhado de suor, os poucos cabelos arrepiados. A

mão sangra, com os riscos dos arranhões em alto-relevo. As senhoras se juntam ao redor:

— Cuidado, moço! Machucou-se?

— Ah, eu conheço esse homem, é o dono da pizzaria da esquina!

— Quer um copo d'água com açúcar para se acalmar?

— Quero pegar o gato, dona...

Mais nervoso está o siamês encolhido no escuro da mesa. Rosna, com as unhas preparadas para um eventual ataque. O coração acelerado, as patas suadas e o pelo branco e cinza eriçado.

A confusão atrai a diretora da escola:

— O que está acontecendo aqui? Que furdução é esse?

— É o homem com o gato...

— Homem com gato? E como entrou aqui?

— Entrei pelo portão, uai!

A diretora exaspera-se. Quem deixou o portão aberto? Recomendou tanto! É perigoso, assaltantes e doidos estão soltos pela cidade! Quer desenrolar os fios do novelo, entender o que o homem faz ali, com um gato.

— Vim trazer o gato para vacinar, dona.

— Ah, moço! O local de vacinação mudou. Agora, é no posto de saúde do bairro – uma das mestras ajeita as coisas.

O dono abaixa-se, agarra o bichano e o segura firme. O leitor não acredita, mas a dona de vermelho cisma em ficar na frente, quase provoca outro ataque de fúria. Pede desculpas às professoras, que tenham um ótimo fim de semana! Joga o Vespúcio no baú. Ele fica quietinho. Está cansado e o cheirinho é bom.

No posto de saúde, a vacinação ocorre menos tumultuada. Os veterinários são habilidosos no trato com os bichos.

O pai humano entra em casa cheio de zanga. Ralha com o bichano e o joga no sofá da sala:

— Nunca mais levo esse trem para vacinar!

Vespúcio melindra-se. Fará greve de ração até superar a mágoa. Passa a língua áspera pelo corpo. Limpa-se bastante. Tinham teias de aranhas e poeira debaixo da mesa onde se refugiou. Precisa dormir e descarregar as energias nefastas. Não gosta que chamem sua atenção, nem que lhe deem bronca. Domar felinos, que ilusão ingênua! Enrosca-se. O casal discute. A mãe humana previne que não pode deixar de vacinar. O outro manda que ela faça isso, que passe vergonha, ano que vem. Alheio às alterações, dorme serenamente, com a pata sobre os olhos. Dono estressado e gato revigorado. Sempre os seres ditos racionais se dão bem, entretanto, leitor amigo, hoje o dia foi do gato.

De traseiro pra Lua

Edih Longo

Diz o ditado que tem gente que nasce com o traseiro virado para a Lua. E tem gente que diz mais ainda, que cachorro também é gente, lembram? Concordo plenamente e acrescento mais: tem cachorro que também nasce com o traseirão virado lá para cima.

Uma amiga, mulher caridosa como poucas; saindo do seu prédio de apartamentos; enquanto esperava o portão de sua garagem abrir, ficou estática quando sentiu sobre si dois pares de olhos cor de âmbar, maravilhosamente tristes e pedintes. Ela o olhou e se apaixonou de imediato.

Aliás, na hora aqueles olhos se tornaram a coisa que ela mais ansiava na vida. O peito se aqueceu e, assim em brasas, jurou-lhe amor eterno. Ele estava sujo, com pulgas, mas ela se encheu de coragem e mesmo com todo aquele aspecto malcheiroso, tomou-o carinhosamente no seu colo dadivoso de mulher e o levou para o seu apartamento.

Depois de alimentá-lo, ligou para o primeiro médico que encontrou de plantão num feriado de sexta-feira santa e o levou para que fosse tomada alguma providência básica, pois um morador de rua deveria ter muitos problemas de saúde para serem corrigidos.

O médico ouviu embevecido sua excitante história e, depois de vacinas, vermífugos, banho, etc... Ela ficou mais apaixonada ainda por ele. Parecia um perfeito executivo com aquela gravata de bolinhas. Ela visualizou até a maleta 007 e uns óculos de grau. Decididamente, ele não sairia mais de sua vida.

A primeira noite, não conseguiu dormir, pois ele não conseguia se adequar à nova cama. No dia seguinte, ela o levou para a casa da praia da família e ele, não acostumado com andanças de carros, acabou vomitando o caminho inteiro. Chegaram.

A família ficou encantada por ele como todos os ocupantes de todos os veículos que passavam por ambos na estrada. Ele era cativante. Sabia lançar olhares na medida certa para encantar qualquer ser humano e derreter corações por mais geleiras e icebergs tivessem.

Bem, a sua primeira ida ao mar foi perfeita.

Voltando para a cidade, ela precisou deixá-lo sozinho e, percebeu que o espaço que ambos dividiam era pequeno demais pra ele, isso porque ela habitava ['tadinha!'] um apartamento de trezentos metros quadrados, pois o safado, sem a menor cerimônia foi demarcando território pela casa toda e destruindo tudo o que estava ao seu alcance.

Ela, entre lágrimas, aconselhou-se com amigos e parentes e todos foram unânimes em considerar que ele era para o mundo. [Mas, isso não se diz dos filhos? Ela ainda tentou ganhar a defesa dele]. Não adiantou, todos gritaram como coro de torcida uniformizada de time de futebol: [não, ele não pode ficar encerrado dentro de um apartamento].

[Morrerá se ficar preso entre quatro paredes], argumentou a filha que é professora de Arte Dramática. [Nossa! Isso dá até uma peça teatral ou um bom filme. Bem, apesar de que já existe a peça Entre Quatro Paredes, de Sartre]. Mas, mãe, o que você está fazendo com esse animal, não é amor, é tortura!

Minha amiga, como sempre, vestiu a toga de advogada dos pobres e descasados (no caso aqui, sem casa ou teto) e chorou para amolecer os corações pétreos dos filhos, genros, netos, vizinhos e etc...

O filho caçula, recém-pai, mais fresco que cerveja em dias de verão, argumentou: não trago mais o meu bebê aqui se esse animal continuar no mesmo habitat que a senhora e nem ouse pegá-lo no colo. Ô, gatinha! Seu chororô, não comprou a piedade de ninguém.

Então, para sossego dos outros e não dela, considerou o fato de o doar para alguém que tivesse melhor espaço; pois ele, realmente, era muito rebelde e não conseguia deixar de mão certas regalias, como por exemplo, dar enormes pulos e correr feito um atleta na São Silvestre. Ele achava que continuava na rua. Ela pensou até em levá-lo a um oftalmo [talvez, seja cego, 'tadinho!'] mas, nada convencia o populacho.

Ela, depois de chorar muito, colocou anúncios na internet, entrou em contato com amigos e enquanto ele não era adotado ficou temporariamente na casa da mãe dela, que é uma cobertura num bairro da classe média. Ele teria quase toda a parte inferior da cobertura à sua disposição.

Já não o veem com óculos de sol; um charutão no canto da boca charmosa; uma bela camisa florida; um copo de caipirinha feita com a melhor pinga que existe; chupando uvas como Baco e tomando banho de sol à beira da piscina?

Mas, apesar de todo o charme, ele continuava à amostra como vestido em vitrine. E a mãe dela já estava ficando careca de tanto puxar os cabelos.

Bem, passados seis meses, uma amiga comum, por conta de não ter mais parceria para o joguinho de trinca às tardes, entrou em contato dizendo que o seu pai tinha interesse em ficar com ele, só que era na Fazenda.

Prestem atenção... Vou repetir...Em uma Fazenda no interior das Minas Gerais, ou seja, o nosso pobre vagabundo e morador de rua viraria agora um fazendeiro, é brincadeira?! Depois dizem que dinheiro não traz felicidade!

Eu já o vejo namorando todas as fêmeas da vizinhança; correndo lépido e fagueiro pelos vastos prados; comendo carne ao invés das tediosas e fedidas rações dos animais urbanos. E também o vejo olhando a Lua através dos montes verdejantes e pensando:

puxa, acho que nasci com o bumbum voltado realmente pra você, amiga! Ah, como estou estressado! Preciso de um psicólogo.

Em tempo, esqueci-me de mencionar: o nome do distinto cidadão é Fidel, mas ao invés do famoso revolucionário e comunista, ele está mais para um terrorista.

Ela, às vezes, passa parte das férias com sua amiga fazendeira e diz que ele continua um tremendo sedutor.

Oh, céus!

Cordel para os prefeitos do Cerrado

Edson Amaro de Souza

O Cerrado por soja jaz cercado
E de bois que a Europa vai comprar:
Seu vasto território recortado
Por fazendas tão vastas quanto o mar
Condenando os retalhos ao ilhar.
Onde fará seu ninho a mãe tucano
Vendo os ipês cortados ano a ano?
Onde descansará o suriri
Se não puder jantar um bom pequi
Nos dez pés de martelo alagoano?

Quem quiser realmente preservar
Esse bioma sempre ameaçado
Terá que à juventude confiar
A biodiversidade do Cerrado
E por muitas escolas espalhar
Com lições de um biólogo decano
Mais de trinta mil mudas ano a ano
De babaçu, pau-ferro, guariroba,
Mangaba, ingá, ipê, pororoca
Nos dez pés de martelo alagoano.

Plantando a juventude em seus quintais
Moradias onde pouse o bem-te-vi,
Não somente nos parques nacionais
Se verá voar livre o suriri
E a garrincha fará seu ninho em paz.
Aos prefeitos novatos deste ano
Que para a ecologia buscam plano

Eu faço a sugestão deste cordel
Que não lhes pesará mais que o papel
Nos dez pés de martelo alagoano.

O animal fugido

Emanoel Santos Fernandes

O chamamos de tantos nomes
exceto do mais primitivo
daquele que espreita o sentido
— lhes falo dos animais homens.

Ele que rompeu a natureza
mas não retirou sua coleira
que de sua dor é mensageira
— a sua solidão... sua tristeza...

esse animal frágil e astuto
que pôs os pés fora do mundo
porém sempre chora por tudo

porque sonha grande demais,
mas no seu pensamento fundo
foge dos passos naturais.

Bruce

Evandro Valentim de Melo

A depender da região brasileira, a denominação varia: pão massa grossa, cassetinho, pão francês, média, pão de sal, carioquinha, pão jacó, pão careca... Independentemente do nome, dificilmente alguém não gosta do produto. E era exatamente para comprar alguns, que elas caminhavam rumo à padaria.

No meio do caminho havia um poodle com ar assustado. Tentaram se aproximar. Ele não quis conversa, fugiu em disparada.

Na tarde do dia seguinte, com igual propósito, ambas repetiram o mesmo trajeto. Preventivamente, levaram um tipo de 'suborno' - ração canina -, para o caso de o bicho aparecer. E lá estava ele de novo. Aproximaram-se. Desta vez ele permaneceu quieto. Parecia sem forças para fugir. Não se sabe quem subornou quem, mas a partir desse momento, forjou-se certa cumplicidade entre os três.

De perto, o ar de abandono do cão se confirmou. Pelotas de lama e carrapichos grudados nele testemunhavam que devia estar há muitos dias sem cuidados de seu dono.

— Coitadinho dele, disse Clara.

— Deve estar perdido, complementou Renata.

— Será que meu pai deixa a gente levar ele lá pra casa?

— Não, né Ana. Seu pai já disse que não quer nenhum bicho, porque você e a tia são alérgicas. Mas eu posso levar pra minha casa, quando viajar de volta.

— Então, a gente fica trazendo comida e água para ele todos os dias, até você viajar.

Enquanto as primas conversavam, o cachorro se empanturrava de ração. A fome devia o acompanhar há tempos.

No terceiro dia, um sábado, o poodle já se aproximou, sem cerimônia, das meninas. O movimento de limpador de para-brisas

do rabo dele já indicava a simpatia por ambas. Elas, por sua vez, entabularam um plano, mas precisariam do apoio de Ana Paula, mãe de Clara.

Já no apartamento, depois do lanche vespertino, cochichavam em trio:

— Tentar não custa, tia.

Clara reforçava:

— Mãe, é só por uns dias. A Renata vai levar ele pra casa dela quando viajar. Por favor, convence o pai. O cachorrinho está sofrendo tanto!

— Falarei, mas não prometo nada.

Jamais se descobriu o argumento (ou tortura) utilizado, mas a concordância de Afonso, para que o cãozinho de rua pudesse ficar “só até a Renata voltar pra casa dela” naquele lar, foi obtida.

— Tio, eu e Clara cuidaremos dele. E eu já falei com meu pai e com minha mãe, que vou levar ele comigo quando voltar pra Fortaleza. Vocês não terão nenhum trabalho.

— Quero é ver quando esse bicho fizer cocô e xixi, se vocês vão manter essa disposição. Nada de sentir nojinho, qualquer sujeira, vocês duas limpam.

— Pai, podemos chamar uma “petshop” para dar banho nele? Ele tá com cheiro ruim.

— E quem é que vai pagar por esse banho?

Um olhar de soslaio de Ana Paula freou o discurso de Afonso, inapropriado diante do entusiasmo das meninas. Ele mesmo respondeu à própria pergunta:

— Eu pago. Assim demonstro que tenho boa-vontade para com esse hóspede.

Clandestinamente, Afonso criou uma planilha, a fim de registrar todos os gastos com o cachorro. No momento apropriado, esses dados teriam serventia.

Algum tempo depois, o sem-teto nem parecia o mesmo. Cheiroso, pelo e unha aparados, bonito que só.

— O pessoal da loja disse que ele é bem mansinho. Não deu trabalho nenhum.

Clara e Renata criaram um cantinho na varanda para o cachorrinho. Lá mesmo, mais tarde, ele dormiria, pois foi terminantemente proibido às meninas levarem o animal para a cama delas.

— Se esse cachorro for, por um segundo sequer, para a cama de alguém - disse Afonso - ele sai desta casa na mesma hora.

Dessa vez, Ana Paula não fez qualquer objeção.

Ainda que espaçosa, a varanda parecia não agradar muito o cãozinho. Ele caminhava de um lado para outro, talvez mal-acostumado com um lugar que tolhia sua antiga liberdade de morador de rua.

Afonso interveio e se aproximou do animal. Acariciou-o. O cão se acalmou um pouco. Chegou mesmo a cochilar. Ana Paula a tudo assistia calada.

Fazia muito calor. O vento parecia estar de folga naquele sábado. O apartamento era voltado para o poente, fato que contribuía para a sensação térmica ser ainda mais desagradável. Todas as janelas estavam abertas.

Ocorreu o inesperado: sabe-se lá se foi calor, claustrofobia, sensação de falta de liberdade, o poodle se atirou pela janela da varanda. Três sons em sequência: o estrondo do choque do animal com o teto de um veículo estacionado dois andares abaixo do apartamento; o ganido de dor e o alarme do carro.

Inúmeros moradores do edifício saíram às janelas das varandas. Afonso também. O poodle se contorcia de dor. Urrava desesperadamente. Renata e Clara choravam.

De repente, toda a família estava dentro do carro de Afonso, que, à toda velocidade, se dirigia para um hospital veterinário. O

cachorro foi enrolado em um lençol e se encontrava no colo de Ana Paula, no banco traseiro entre duas chorosas crianças.

Depois de prestar os primeiros socorros, o veterinário conversou com quatro ansiosas pessoas:

— O cãozinho deslocou a bacia e precisará se submeter a uma cirurgia.

Renata e Clara arregalaram os olhos.

— Se o procedimento não for realizado, pode ter consequências graves.

— Moço, ele vai morrer? Perguntou Clara.

— Não, não vai. Cuidaremos dele bem direitinho.

— Clara, Renata, venham comigo – disse Ana Paula. Afonso e o médico precisam conversar.

Afonso sentia um misto de arrependimento, raiva, pena, medo quando ficou a sós com o veterinário. Conversaram e alguns minutos depois ele retornou à presença da bancada feminina da família.

— Vamos pra casa. Não há razão para ficarmos aqui. A cirurgia requer anestesia geral e o cachorro só acordará bem tarde. Amanhã voltamos aqui para vê-lo.

Logo que o astro-rei presenteou o amanhecer de domingo com seus primeiros raios, Clara se levantou, acordou Renata. Ambas foram chamar Afonso e Ana Paula.

— Primeiro tomaremos nosso café da manhã. Depois iremos, conforme eu lhes falei ontem.

No hospital veterinário, em linguagem acessível às duas meninas, o médico contou que a cirurgia havia sido um sucesso e que o animalzinho de estimação estava muito bem.

— Precisaré ficar com uma faixa "na cintura". Em alguns dias vocês voltam aqui com ele, só pra garantir, mas tenho certeza que estará completamente curado. E podem apostar que ele aprendeu a lição. Nunca mais irá saltar pela janela.

O enfermo cativou toda a família. Até mesmo a resistência inicial de Afonso fora totalmente superada.

— Agora que me dei conta, disse Ana Paula. Não demos nome a ele.

— Thor! Bradou Renata quase instantaneamente.

— Thor voa, Renata. Com a ajuda do martelo, mas voa, contra-argumentou Afonso.

— Tobi, sugeriu Clara.

— Não, muito comum. Assim como Rex. E tem mais, quem tem direito de escolher o nome dele sou eu, por que até agora, fui eu quem pagou todas as despesas dele, desde que pôs as patas aqui. E nem adianta me olhar, Ana Paula. Paguei mesmo e não foi pouco.

— E qual será o nome dele, senhor banqueiro?

Imitando o olhar de 007, quando se apresentava em seus filmes, Afonso respondeu:

— Bruce. BruceWillis.

— Brucebruce Willis, pai?

— Não, filha. Apenas Bruce Willis. Em homenagem ao ator de mesmo nome. Ele foi o ator principal de uma série de filmes de aventura, sensacionais. Tem tudo a ver com ele.

— É, até que é um nome bonito.

— É um nome legal, tio. Parece artista de Hollywood.

— E é. Alguma coisa contra, Dona Ana Paula?

— Não. Se as meninas concordam, eu não me oponho.

Bruce Willis, o novo membro da família, paparicado como mulher recém-parida, se recuperava rapidamente. No retorno ao hospital veterinário, foram-lhe retiradas as ataduras da faixa imobilizadora e ele, em pouco tempo, já caminhava.

Dali em diante, como em um lançamento de foguete pela NASA, iniciou-se a contagem regressiva para que Renata voltasse a

sua casa, em Fortaleza, que fica a mais de 1600 quilômetros de distância de Brasília.

A ligação afetiva entre Bruce e todos lá se fortaleceu estratosféricamente. Clara, espontânea, manifestava com maior frequência o desejo de que Renata não levasse Bruce com ela.

— Nem adianta, Clara. Desde o primeiro dia, todo mundo aqui sabia que eu levaria ele comigo. Seu pai não queria ele aqui, lembra?

— Mas o Bruce nem fez mal pra mim nem pra minha mãe. O pelo dele deve ser antialérgico.

Ana Paula interveio.

— Filha, você precisa aceitar. O que Renata diz é a verdade. Todos sabíamos que Bruce iria com ela.

Afonso, de longe, disfarçava as emoções. Quem diria que a rejeição inicial dele para com “aquele bicho” se tornaria um amor sem tamanho. Já antecipava as saudades que sentiria. Sabia, contudo, que o trato seria respeitado.

No dia “d”, de despedida, todos os cuidados junto à companhia aérea foram adotados. Bruce seria confortavelmente transportado. Uma acompanhante fora designada pela empresa. A missão dessa profissional consistia em pastorear duas criaturzinhas: Renata, menor de idade e Bruce, de idade desconhecida.

O adeus, como era de se esperar foi carregado de lágrimas; algumas ostensivamente derramadas; outras, disfarçadas, uma vez que “homem não chora”.

À noite, Clara estava tristonha. Quis dormir com o pai e a mãe.

— Pai, o Bruce vai sentir saudade de mim?

— Acredito que sim, Clara.

— Mas a Renata cuidará dele com muito amor e carinho, filha –garantiu Ana Paula.

— Será que ele vai sofrer lá em Fortaleza? Lá é tão diferente daqui.

Afonso e Ana Paula tentavam de todas as formas consolar a filha. Conversaram longamente, na tentativa de fazê-la dormir.

— Clarinha, quer saber o porquê de eu ter escolhido Bruce Willis para ser o nome dele? É que ele estrelou o filme “Duro de matar”. Se um salto da janela, no segundo andar deste prédio não foi capaz de vencer o Bruce, ele resistirá.

Um forte beliscão no braço de Afonso arrancou dele um “ai”, sem que entendesse as razões da agressão da esposa.

— Ainda bem que nossa filha já está dormindo e não escutou. Ela não precisa dessa explicação.

— Confessa, amor, o nome Bruce Willis foi brilhantemente escolhido por mim. Reconheça, dê o braço a torcer.

Ana Paula sorriu, deu-lhe um beijo e desejou boa noite.

Juramento de quatro patas

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva

Não era poder da idade,
nem de compreensão minha,
pedir um amigo tão diferente
e intrigante como você.

Mas eu pedi,
incessantemente,
Durante dias e dias seguidos,
para conhecer onde você vivia
e fazer com que você completasse meu lar.
Eu descobri.

Foi instantâneo!
Assim que lancei meu olhar até você
senti um amor puro,
que condizia com nossas diferenças,
e que se era capaz de entender,
mesmo com seus latidos e toda a agitação;
Era recíproco!

Desde então, colecionamos memórias.
Guardadas, sob o juramento de duas mãos e quatro patas,
que nunca seriam esquecidas – ou desalentadas.
Eram corridas, brincadeiras
e avisos compartilhados.
Era companhia, atenção,
petiscos como prêmios de consolação.
Eram bichinhos de pelúcia destruídos, escondidos,
amados.

Eram fotos e vídeos com suas bagunças,
com o som do seu choro, que logo se transformava em
alegria.

Foram duas décadas, quase inteiras, de irmandade,
Que você me proporcionou sem pedir nada. Só amor.

Você infelizmente teve que partir,
porque seu tempo aqui é curto,
uma vez que todas as lembranças sempre serão maiores.

Ainda bem que não me viu chorar quando te dei adeus.
Eu teria quebrado nosso juramento.
Obrigada por me ensinar a felicidade única que você tinha.

— Pituxa, esse poema é seu.

Doce surra

Guilherme Ferreira Silva

Sangra a ferida que fez o sopro
Doí as marcas dos beijos
Incuráveis doenças trazidas com seu olhar
Efeitos colaterais de quem experimenta amar
E a quase ausência

Dois insetos se atracam
Como se caíssem numa luta armada
Sem pudor, de fato, estão amando
Na copula da flor, que frutos dá
Presenteia com aroma e a beleza
De dois corpos que se consomem,
Ainda que insetos

Animais feridos pelo suave toque
Um momento sem razão
Duas vidas vestidas de paixão
O silêncio que se impõem sobre fortes sons
É a cumplicidade da entrega
Palavras melhor não haveria
O silêncio, o sopro e o olhar

A ninhada

João Pedro Marques Morgado

Eles virão para me levar, para a mansão, para o seu lar
Para eu viver até ao fim, saltar, correr no seu jardim
E eles vão-me alimentar, dar-me sabão, vou-me lavar
E quando o céu escurecer, vou à lareira para me aquecer
Um dia o verão há-de chegar e nós iremos viajar
E eu vou esquecer que um dia vim deste lugar

Olha, meu irmão, eu hei-de ir para um barracão quase a cair
Com um ancião que já esqueceu há quanto tempo já nasceu
Mas ele vai tratar-me bem, pois se calhar não tem mais ninguém
Eu quero enfim com ele estar, enquanto ainda respirar
Vou aquecer as suas mãos, fazer esquecer a solidão
Dormir até deitado aos pés do seu colchão

Ele nem bem sabe que lembro bem quando levaram a nossa mãe
Não queria nada só olhar sua ninhada à luz do luar

Estará ainda à sós lá onde nos deu à luz?
Será que se põe a olhar para nos tentar ver a passar?
Não vivemos como quis, dispersos pelo país
Mas nós não seremos mais como quando nós éramos seis

Eu vou ser livre, vou vadiar, irei fugir para não voltar
Dormir ao frio sem cobertor, buscar comida no contentor
Vou de cidade em cidade sem ter nenhuma na realidade
A cada dia vou escolher um novo abrigo para viver
Lutar, mostrar o meu poder, ficar ferido, adoecer
E só assim deixar alguém me recolher

Olha, a mim, irmão, vão-me adorar, mas isso não irá durar
Pois as crianças vão crescer e como antes nada vai ser
Vão-me agarrar a uma corrente e isolar-me de toda a gente
Eu vou gritar, saltar sem fim a quem passar ao pé de mim
Tanta ameaça sempre em vão, vou estar fechado na prisão
Mas relembrando os tempos de união

Quando nós os seis, todos iguais, éramos filhos sem um pai
Então ainda era feliz, pois eu andava com vocês

Estará ainda à sós lá onde nos deu à luz?
Fechada na vedação e a beber água do chão
Não vivemos como quis, dispersos pelo país
Mas nós não seremos mais como quando nós éramos seis

Eu para acabar, os novos pais, vão-me odiar, vão ser cruéis
Vão corrigir-me a pontapé e eu desistir, perder a fé
Perder também minha razão, vingar com dentes e com mãos
Mas depois ver o que é que eu fiz, deixei para sempre cicatriz
Por ser feroz, vão-me levar, cortar-me a voz e o olhar
Acabo então na condição em que nasci

Não sei bem o quê, ó meus irmãos, cada um fez para merecer
A nossa vida quem impôs, quem terá sido, não fomos nós

Estará ainda a sós lá onde nos deu à luz?
Comendo e dormindo mal, vivendo como um animal
Não vivemos como quis, dispersos pelo país
Mas nós não seremos mais como quando nós éramos seis

Mas quem saberá dizer se um dia nos vamos ver
Já sem sermos jovens sãos, já cegos e mudos, então

Eu já não serei capaz de ouvir vidas boas, más
Vivamos de novo e não falemos do que ficou para trás

O cavalo que queria ser famoso

Joaquim Bispo

Era uma vez um cavalo que vivia em Pádua. Servia como montada de um capitão do exército, e o que se vai contar passou-se há muitos anos, quando as guerras eram feitas com cavalos e espadas.

Certo dia, quando o cavalo estava no tronco para ser ferrado, entrou um ladrão no recinto. O meliante, que vinha armado, levantou um ferro para bater na cabeça do ferrador. O cavalo assustou-se, e, como ainda não estava com as patas presas, pregou um valente coice no assaltante, que foi abater-se contra um muro. O ferrador ficou muito agradecido e disse ao cavalo:

— Vou cravar-te, no casco da pata direita, uma ferradura, que me deu um génio, há muitos anos, por serviços prestados. Quando estiveres em perigo, raspa com ela no chão e diz três vezes: "*Hihihipoho*".

O cavalo foi-se embora e quase que se esqueceu do assunto, mas um dia, em grande galope numa batalha, tropeçou e estatelou-se com uma pata partida. Lembrou-se logo da ferradura mágica do ferrador; escarvou o chão e disse três vezes "*Hihihipoho*". Encontrou-se, de repente, numa clareira duma floresta de carvalhos e viu um gênio, que era homem da cintura para cima e cavalo da cintura para baixo, que lhe disse:

— Que ajuda precisas, cavalo?

— Parti uma pata e quero que me salves de ser abatido. Um cavalo de pata partida já não serve para montada de ninguém.

O gênio deu três sacudidelas com a cauda e o cavalo ficou curado.

— Ainda tens dois pedidos — disse o gênio esfumando-se.
— Usa-os bem!

Ora, uns tempos depois, passou o “nosso” cavalo no adro da basílica de Santo António e, como o seu dono encontrou outros cavaleiros e se pôs a conversar, pôde admirar a estátua equestre ali erguida. O cavalo de bronze era tão possante, que parecia ser ele que dirigia o cavaleiro. Perguntou aos outros cavalos, quem era aquele da estátua, mas nenhum soube dizer. Então, interrogou um pombo que por ali andava e este respondeu:

— O cavalo, não sei, mas o cavaleiro é o grande comandante veneziano Gattamelata, esculpido pelo, não menos famoso, Donatello. É o que ouço dizer.

O cavalo ficou tão impressionado pela majestade da estátua que, após muito meditar, resolveu que ia dedicar o resto da vida a servir alguém famoso, para ser retratado com ele para a posteridade e também ficar famoso. Quando ficou a salvo dos olhares humanos, raspou com a ferradura mágica no chão e disse três vezes “*Hihihipoho*”. Viu-se logo na clareira do gênio-centauro, e este perguntou:

— Que ajuda precisas, cavalo?

— Não estou em perigo, gênio, desculpa — explicou o cavalo —, mas preciso que me arranjes um dono famoso, para ser retratado para a posteridade, como o cavalo de Gattamelata.

— Tu é que sabes! — ralhou o gênio. — Olha que este pedido te pode fazer falta mais tarde!

— Eu quero ser retratado em bronze, nada mais me interessa!

Então, o gênio, vendo a decisão resoluta que o cavalo tinha tomado, disse-lhe:

— É pena não teres pensado nisso um pouco mais cedo. Está a ser erigida, em Veneza, uma estátua equestre maravilhosa, a do comandante veneziano Bartolommeo Colleoni. Mas é melhor veres.

Dito isto, apareceu no centro da clareira uma estátua equestre. O cavalo parecia mais pequeno que o de Pádua, mas estava esculpido com tal garbo e com tal realismo de pormenores, que parecia vivo.

— É assim mesmo que eu quero! — emocionou-se o cavalo.

— Infelizmente, quem fez este já não faz mais; foi esculpido por mestre Verrochio, que morreu há pouco. Mas, sempre te digo, que o seu discípulo Leonardo é um artista prometedor a quem muitos poderosos já recorrem. Queres ficar ao seu serviço?

O cavalo relinchou agradecido e pouco depois achou-se em Milão, na cavaleriza usada por Leonardo da Vinci. Estava este a arquitetar uma estátua equestre gigantesca, de mais de sete metros atuais, para a corte de Milão, pelo que observava e desenhava cavalos, anotava a medida de cada parte do seu corpo, para encontrar a proporção ideal, e tentava arranjar maneira de fundir uma peça tão grande. Também o nosso cavalo foi sujeito a medidas rigorosas, o que muito o alegrava, imaginando já, retratada em escala monumental, alguma parte do seu corpo, se não o todo. Ao longo de dois ou três anos, viu multiplicarem-se os esboços, e crescer o modelo em barro. Infelizmente, antes de a estátua final estar acabada, o bronze foi necessário para fazer canhões e o projeto foi abandonado.

Muito triste com o malogro, o nosso cavalo escarvou, outra vez, o chão e disse três vezes "*Hihhipoho*".

— Que ajuda precisas, cavalo? — perguntou o centauro na clareira de carvalhos.

— O projeto de Milão fracassou. Estou desesperado, não sei o que fazer — choramingou o cavalo.

— Não te prometo nada, mas se te mantiveres sempre perto de Leonardo, estou convencido que acabarás por ter êxito.

E, assim, foi o nosso cavalo parar a Florença, onde Leonardo veio a ter a encomenda da pintura mural de uma batalha, para o

salão nobre do palácio do governo da República. Foi escolhida a de Anghiari — uma batalha entre florentinos e milaneses — cujo motivo central Leonardo resumiu ao choque selvático entre quatro cavaleiros. Durante longas horas, o nosso cavalo posou, pacientemente, nas cavaliças de Santa Maria Novella, onde Leonardo preparava um enorme esquiço, que depois transferia para a parede do palácio. Jurava, para si próprio, que a cabeça do cavalo mais à direita, embora em esgar de furor, era tal qual a sua. Infelizmente, Leonardo era lento a trabalhar e começou a ser solicitado por trabalhos mais bem pagos, de modo que a pintura da batalha não chegou a ser concluída.

O nosso cavalo ficou muito desanimado, mas, quando pensava que era o mais infeliz dos cavalos, sobreveio o pior: o seu artista, o homem a quem tinha dedicado tantos anos de sacrifício, em poses longas e difíceis, tencionava abatê-lo para lhe estudar o esqueleto, os nervos e os músculos. Entrou em pânico. Assim que pôde, raspou com a ferradura mágica no chão e gritou:

— *Hihhipoho. Hihhipoho. Hihhipoho.*

— Por que me chamas, cavalo? — perguntou o gênio.

— Salva-me, por favor, que Leonardo quer abater-me para me estudar os ossos.

— Ó cavalo, tenho muita pena, mas já esgotaste os pedidos! Eu avisei-te! — respondeu o gênio, com um ar muito contristado. — Não posso fazer nada. E, além do mais, já tens que idade!?!; mais de vinte anos! Eu, se fosse a ti, continuava com Leonardo. Dizem que os desenhos que faz, de ossos e músculos de homens e animais, são tão admiráveis como as suas pinturas e as suas máquinas de guerra. Assim, como assim, a que é que querias dedicar-te nessa idade?

O nosso cavalo voltou para casa, resignado. Umhas semanas depois, Leonardo dissecou-o, examinou e mediu todos os elementos, e desenhou-os com todo o rigor. Nessa altura, andava

empenhado em comparar o esqueleto e os músculos dos membros do Cavalo e do Homem.

Assim acaba a história do cavalo que queria ser retratado como os famosos, o que, de certa maneira, conseguiu. Ninguém pode dizer que os rascunhos de Da Vinci para o grande monumento de Milão ou para o salão de Florença tenham elementos de um único cavalo, mas alguns investigadores estão convencidos de que os esboços anatômicos de um cavalo que são comparados com os de um homem são de um só animal, um que nós sabemos!

Zoofilia erótica

Josafá de Oros

A vaca:

quando não é profana
é boa
deleite.

Lady Macbeth

José Renato Ferraz da Silveira

Amanheceu o dia.

Ouvi o som dos pássaros,

o som das águas,

o barulho da chuva,

o farfalhar da grama,

os sons da cidade,

as batidas do sino da Catedral.

Abri as portas da Aurora

e minha cadela bocejou,

balançou a cauda,

saltou alegre e festiva,

num ritual cotidiano.

Murmurei: Lady Macbeth.

Sorri e rabisquei num pedaço de papel sobre a cômoda:

"O amor flui e ajusta a diferentes formatos em diferentes tempos".

Contagem regressiva

Julia Celeste Pereira de Araujo

A lagarta anda curiosa
Pelo concreto da calçada toda prosa
Escavando os detritos nada morosa.
Mal sabia que a morte a espreitava
Sorradeira, da surpresa já cuidava
Para abafar o movimento da coitada.

Ela procurava algo para seu sustento
Mas no ambiente não havia alimento
Mesmo assim continuou em seu intento.
A lagarta não estava escondida
Ficou exposta, parecendo desinibida
Ali aparecia um prenúncio da sua despedida.

Enquanto suas patinhas se mexiam
Grandes pés na rua surgiam
Vida e esperança se esvaíam.
Debaixo do passo firme do rapaz
Se houve dor, agora já não importa mais
A lagarta que tanto tinha vida, agora jaz.

Um lar

Karol Póss

Não era nada fácil. O frio, o calor, a chuva e a fome me atormentavam constantemente, mas o mais difícil de lidar era a solidão. Estar sozinho era o que eu mais odiava. Ficar vagando sem rumo e sem companhia por infinitas ruas, vasculhando sacolas fedidas na esperança de qualquer pedaço de comida rejeitada que pudesse me servir de alimento para me sustentar por mais uma jornada sem destino. Sempre sozinho.

Por que os humanos olham para mim com cara de dó, mas não me ajudam? Será que há algo de errado comigo? Será que eu realmente tenho uma missão aqui na Terra? Será que a minha vida vale alguma coisa? Será que seria melhor se eu realmente tivesse nascido... não, melhor nem terminar esse pensamento. Mas é difícil pensar em coisas positivas, quando estou completamente desamparado nas ruas desde que nasci. Da minha mamãezinha nem me lembro o rosto, pois nos separamos ainda muito cedo. Ela precisou partir e me deixou aqui com meus irmãozinhos, mas nós nos separamos também.

Desde então estou sozinho, sempre sozinho. Nem mesmo os outros cachorros das ruas gostam de ficar muito perto de mim, não entendo o motivo. Então fico andando por aí, observando outros cães que tiveram mais sorte que eu e foram beneficiados não só com uma casa, mas com um lar. Um lar cheio de comida, sim, mas cheio de amor. É o amor que eu invejo. Vê-los passeando alegremente com seus humanos, sendo afagados, beijados e carregados no colo. É pedir demais ter um humano para mim? A vida me provou que sim.

Até eu te encontrar.

Não que eu estivesse te procurando, acho que já havia desistido disso há bastante tempo, mas aconteceu. Quando eu menos esperava, aconteceu.

Estava na minha rotina diária de andar por aí e revirar algumas sacolas de lixo quando uma juvenzinha humana se aproximou de mim e se abaixou em minha direção. Recuei alguns centímetros, mas havia algo em seus olhos que era diferente do que eu já tinha visto em outros humanos, sabe? Um brilho especial. Não sei explicar. Algum tipo de sinal que me dizia que poderia confiar nela, então voltei a me aproximar e suas mãos tocaram em minha cabeça.

Fechei meus olhos no mesmo instante e o que senti em seguida foi maravilhoso. Seus dedos mexiam nos pelos ralos da minha cabeça com todo o cuidado para não me machucar ou me assustar. Ela era tão carinhosa. Durou pouco mais de alguns segundos até ela parar o cafuné e começar a se mexer, tirando algo da mochila que estava em suas costas. Era um pacotinho. Ela o abriu e despejou o conteúdo dele no chão. Umas bolinhas esquisitas que eu nunca tinha visto na vida, meio coloridas, mas com um cheiro estranhamente apetitoso. Quando percebi, já estava comendo e era bom. E o melhor: não tinha gosto de lixo.

Ela continuou abaixada me observando comer, e eu comi tudo! Meu rabinho abanava rapidamente quando voltei a olhar para ela após a minha mais grata refeição e ela pareceu entender minha felicidade, sorrindo em resposta para mim. Afaguei-me nela, e ela retribuiu acariciando toda a cobertura do meu corpo. Ela se levantou, colocou a mochila nas costas novamente e começou a andar bem lentamente, sempre olhando para trás.

Por alguns segundos eu fiquei triste por vê-la se afastar. Poxa, foi tão bom, por que não podemos ficar assim para sempre? Será que é muito egoísmo meu e deveria ser apenas grato por que alguém, pela primeira vez em minha vida, se dispôs a fazer algo por

mim, senão me enxotar com palavras rudes e gritos que feriam meus ouvidos sensíveis?

Ela continuava olhando para mim, até que parou de andar. Não entendi muito bem o que ela estava querendo dizer com isso, se é que essa ação significava algo. Talvez ela só estivesse cansada de uma caminhada de uns 10 passos, vai saber... Mas ela começou a bater em seus próprios joelhos e a fazer alguns ruídos engraçados com uma voz fofa, e como se algo tivesse sido ligado dentro da minha cabeça, eu percebi que queríamos a mesma coisa: ficar juntos.

Fui correndo em sua direção e ela me recebeu com um abraço apertado, quentinho. Risadinhas saíam abafadas de sua boca, enquanto eu ofegava das brincadeiras gentis com as quais não estava habituado. Então começamos a caminhar juntos. Ela me levou até um pequeno prédio pelo qual já havia passado na frente algumas vezes, o reconheci pelo odor do poste – embora não fosse minha essa urina, eu juro! Um senhor de boné nos recepcionou sem muito entusiasmo e, depois de alguns degraus que foram um pouco difíceis de subir, a juvenzinha abriu uma porta.

— Este é seu novo lar, amigão. É humilde, mas espero que você goste.

Acho que não conseguiria descrever a felicidade que esse momento me trouxe. Entrei correndo no apartamento e farejei cada centímetro do mesmo, enquanto a garota me acompanhava pacientemente e com um sorriso estampado no rosto. Eu finalmente ganhei uma casa!? Isso é um sonho se transformando em realidade!?

Mas não demorou muito para eu perceber que não se tratava de uma simples casa ou apartamento.

Era um lar.

Um lar onde eu era amado, cuidado, mimado. Um lar onde eu podia correr, brincar e descansar. Um lar onde eu estaria sempre

abrigado da chuva, do frio e do calor, e onde eu nunca mais sentiria fome, pois sempre haveria uma tigelinha cheia de bolinhas esquisitas – mais tarde descobri o nome disso, ração – para me alimentar. Um lar onde nem sempre estaria em companhia da garota humana, pois às vezes ela saía e me deixava sozinho, mas não antes de me dar um beijo, então sempre me acompanhava a certeza de que ela voltaria – e ela nunca, jamais falhou nessa missão. Aquele sentimento de solidão e pensamentos ruins nunca mais se passou pela minha cabecinha.

E em troca de todo esse amor e carinho que nunca imaginei receber, eu nunca, jamais falhei na missão de ser fiel a ela. Minha amiga. Minha humana.

Sophia e os gatos

Léo Ottesen

Não sei como começar a contar essa história. Deveria me apresentar ou sei lá, mas acho que isso não é muito importante. Eu nem sou a protagonista mesmo. Mas que seja.

Sou a Sophia, filha mais nova da minha mãe e do meu pai. Tenho um irmão, Roberto – o Bob. Nossa família não é muito grande, só que ela é meio confusa. Depois eu chego lá. Vou falar da mãe da minha mãe.

A vovó Ana era uma senhora bondosa, muito calma e bem séria, porém quando dava suas gargalhadas, fazia todo mundo rir junto com ela. Acho que o fato mais interessante sobre a vovó é o hobby que ela costumava ter: ela colecionava gatos.

A dona Ana vivia sozinha em uma grande casa – onde eu moro agora. Como os seus três filhos a abandonaram quando decidiram tocar suas vidas, casar e ter os próprios filhos, a vovó começou a adotar gatos das ruas e das crias dos vizinhos. – Coisa de gente velha, sabe? “A solidão é um mal sem igual” dizia.

O tio Mauro e a tia Solange até que gostaram da ideia, porque não podiam visitá-la todos os dias e os gatos a faziam companhia. Isso até descobrirem que dois dos três gatos se chamavam Mauro e Solange. Foi uma briga imensa quando a vovó chamou os gatos e o tio e a tia se viraram para ela. A famosa macarronada da dona Ana ficou ainda mais famosa. A vizinhança toda ouvia os gritos do tio Mauro, que esbravejava coisas que uma menina de oito anos não deveria ouvir: “Meu nome, mamãe? Meu nome num bicho sujo e preguiçoso?! É sério?”.

Mauro, Solange e Clara foram os primeiros animais de estimação da vovó. Os gatos, não os filhos. Ela disse ao tio que cada um deles simbolizava um dos filhos que ela tinha perdido. –

Dramática a moça... mas funcionou. Tio Mauro sentiu tanto remorso por aquilo, que parou de reclamar dos bichanos.

Eu me divertia tanto, vendo aqueles bichos brincando uns com os outros na cozinha! Os filhos, não os gatos. Eles brigavam, é claro, como qualquer família, mas as brigas eram tão bobas se comparadas às atitudes boas, que até deixam de ser levadas em conta.

Certo dia, a vovó apareceu lá em casa munida de cesta e bicicleta. Como era de costume, a mamãe foi preparar um café fresquinho, enquanto nós conversávamos na sala.

— Filha, você sabe que a vó amava muito o seu avô, não é?

— Claro, vovó.

— Mas aquele velho era muito chato. Vou ser bem sincera... nunca vi gente mais ranzinza que ele. Até encontrar esse mocinho aqui.

Dona Ana abriu a cesta e tirou uma bola de pelos acinzentados lá de dentro. Era o Barney: um gato fofo e mal-encarado que seria a representação do falecido vô Barnabé. – A vovó tinha cada uma!

Ela levou o gato de presente pra mim, porque eu não tinha conhecido o vovô e aquele gato ranzinza era o mais parecido com ele possível. Amei a ideia, mas achei muita responsabilidade pra uma menina de nove anos cuidar de outra vida. “Então deixa assim, minha filha. Esse aqui vai viver mais uns trinta anos e até lá você decide se quer ou não.”

Minha mãe costumava contar as estórias do vovô pra mim antes de me pôr pra dormir. Como ele conseguiu driblar os capangas do biso e fugir com a vovó; quando eles quase foram presos na capital por causa das trapaças do seu Barnabé... Ele parecia ser um homem valente e sábio, segundo o que a mamãe contava. Valente por passar todo mundo pra trás e sábio por nunca ser pego. Eu entendo porque a Aninha, filha do coronel, se

apaixonou pelo Barnabé, o moleque dos bois. Só não entendo a vovó, que vivia dizendo o quanto ele reclamava e criticava todo mundo. Talvez fosse coisa da idade.

Quando eu ia à casa da vovó, gostava de ficar olhando os gatos brincarem. A Clara e a Solange não podiam se ver que já pulavam uma por cima da outra, caíam, o Mauro mordia uma e, então, as duas gatinhas se juntavam pra derrubar o outro. Era uma diversão pra mim. Só o Barney não brincava. Preferia continuar deitado. Às vezes, até dormia em meio à barulheira. Era ranzinza mesmo.

Apesar de terem praticamente a mesma idade, o Mauro parecia ser o irmão mais velho. Quando as bichanas se estranhavam, era ele que botava ordem na bagunça. Bem parecido com o meu tio.

Eu não lembro direito quando foi a primeira vez que o Barney me deixou acariciar ele. Sei que ele sempre fugia de mim. Até um dia, quando eu estava assistindo à televisão e ele pulou no meu colo e se deitou. Foi um momento tão legal, e bem estranho. Gatos são estranhos.

A Clara, por outro lado, vivia na minha volta. Tinha um pelo amarelo clarinho e todo arrepiado. Ela adorava ronronar e fazia esse som pra todo mundo. Mas comigo era mais especial. E mais frequente. Não sei se a vovó colocou o nome da minha mãe na gata porque nós éramos amigas ou se nós éramos amigas porque a gata tinha o nome da minha mãe, mas a Clara era a minha preferida entre os irmãos.

Solange tinha um ar todo burguês e sério. Quando estava longe da irmã. Juntas, elas eram dois bebês: brincavam, pulavam, brigavam... brincavam de novo. Ela até me deixava acariciá-la algumas vezes. Porém, o que eu gostava mesmo era de vê-la andando pela casa, toda altiva. Linda.

As brigas dos três irmãos eram engraçadas, belas e frequentes. Sim, eram belas. Solange tinha o pelo bem curtinho e

branco, e os olhos dela eram azuis. A Clara era um algodão-doce amarelo. E o Mauro era todo preto. Os três rolando pelo chão pareciam um bolo de roupa suja que enlouqueceu. Enquanto eu ria da cena, o Barney me olhava muito sério. Ele tinha os olhos amarelos que brilhavam, em contraste com o pelo cinza escuro, que também não ajudavam a diminuir sua imagem ameaçadora. Ele era muito sério. E estranho. Gatos são estranhos.

Nas minhas férias, pedi à mamãe para ficar na casa da vovó. Eu sabia que a dona Clara precisava de umas férias de mim também. Ela deixou.

Os gatos me deram um presente de boas-vindas: uma cama nova. Pois é, rasgaram o colchão onde eu dormia, enquanto eu estava tomando banho. E ele ficou imprestável. A dona Ana até disse que me daria um colchão novo, mas só na segunda-feira... Era quinta.

Além de dormir no sofá da sala, tive que aguentar a Clara e o Mauro em cima de mim à noite toda. Solange desaparecera à tardinha e, segundo a vovó, só voltaria de manhã. O seu Barney dormia na rua. Ele era o guarda da casa e a dona Ana resolveu conceder-lhe o título de Seu em virtude da sua lealdade. Se bem que eu, cá entre nós, acho que foi por causa do seu jeito de senhor, sabe?

Sonhei com a mamãe. Ela estava em um barco e o papai estava pilotando, mas ele não dizia nada. E ela gargalhava e abria os braços na proa. Quando a mamãe perguntou "você está bem?" ao papai, eu acordei. Já fazia alguns meses... Talvez eu tivesse me esquecido de como é a voz do papai e, por isso, não pude ouvi-lo. Também sonhei com o Bob, mas não me lembro do sonho. Depois que eles se separaram, o papai foi morar em outra cidade com o mano. Ele disse que ia me visitar quando terminasse a escola.

Quando acordei, vi as gatinhas sentadas no chão. A Clara estava lambendo uma pata da Solange. Levantei rápido e chamei a vovó.

O tapete estava sujo de sangue e a Solange miava baixinho – como se estivesse chorando. A vovó tapou a boca quando viu aquilo e pegou o telefone.

— Oi, filha. Tudo bem?

— Sim, sim. Mas você está bem?

— Ótimo... Um beijão.

Depois disso, ela me fitou por alguns segundos e disse “água!” E correu para a cozinha. Voltou instantes depois com uma toalha e uma bacia. Enquanto lavava a pata da Solange, vovó me pediu que ligasse para o veterinário. “O número tá aí em cima... em algum lugar.”

O médico disse que a Solange devia ter brigado com algum macho e aquilo era bem normal no cio. “Gatas siamesas podem ser raivosas.”

Não nos falamos até o jantar. Quando toquei no assunto da conversa ao telefone, a vovó desconversou e disse que eu era nova demais pra entender e ela era velha demais pra explicar.

Passei a noite acordada – ainda que deitada –, colocando os pingos nos is. A dona Ana era misteriosa – assim como a mamãe –, mas aquele telefonema foi bizarro demais. Como qualquer menina de nove anos, resolvi fazer uma experiência. Só por curiosidade.

A Clara ainda estava dormindo de manhã; então, eu dobrei e amarrei o seu rabo. (Os gatos se equilibram sobre as patas por causa da cauda.) Enquanto eu estava tomando café, ouvi um barulho vindo da sala. Ela tinha tentado se levantar e caiu. Senti pena, mas foi pelo bem da ciên... Bom. Pelo bem da minha curiosidade. Desamarrei a gata e ela me deu uma leve mordida na mão direita. Até que foi merecida.

A vovó estava voltando do mercado e me viu com o telefone na mão.

— Tava falando com quem, Sophia?

— Com a mamãe, vó. Ela torceu o pé hoje de manhã.

— Ah. Ela está bem?

— Sim. A gata também está. Ela também caiu no chão.”

A vovó apertou os olhos e torceu a boca, depois se sentou.

— Vamos conversar...

Dona Ana não tinha ganhado aqueles três gatos coisa nenhuma. Ela os comprou de uma senhora em um bazar do centro. O motivo foi verdadeiro: a solidão. Porém, mais tarde, ela percebeu que eles eram diferentes dos outros gatos. Eram especiais. Únicos!

A gata persa cor-de-creme parecia ser mais esperta que os outros dois filhotes. Era silenciosa e calma, mas também brincava. Vovó se lembrou de como a mamãe era e resolveu batizá-la de Clara. A mesma coisa aconteceu com a Solange e o Mauro. Ele era sério e vivia escondendo os sapatos da vovó. Era um traquinas, assim como o meu tio costumava ser.

De algum modo, os filhotes não tinham só os nomes em comum com os seus filhos. A dona Ana tinha recuperado sua família – por assim dizer.

O tio Mauro sempre foi muito cuidadoso com os seus negócios. Quando ele começou a perder dinheiro, foi a vovó quem disse pra ele prestar atenção em quem se dizia seu amigo. Ela estava certa. O sócio do tio vendia as peças da sua montadora para a concorrente e os carros do tio Mauro acabavam perdendo a qualidade. Ela me contou que tinha começado a suspeitar disso na primeira vez que viu o Mauro brincando com o gato do vizinho. Ele não costumava se dar bem com quem não fosse da família. Não tardou para que o vizinho começasse a comer sua comida e roubar seus brinquedos. Então, a vovó decidiu alertar o tio Mauro.

Eu estava encantada com as histórias que a vovó contava sobre seus gatos, contudo... Ainda havia uma coisa estranha. Sim, mais estranha.

— Vovó, e o seu Barney?

— É verdade, querida. Tem esse ranzinza também.

Eu não entendia como o vovô Barnabé podia ter sido tão alegre e esperto, segundo as histórias que me contavam, e, contudo, a sua representação felina ser chato. Mas a dona Ana não queria tocar nesse assunto. “Ainda é cedo pra isso, pequena.”

Nós duas ficamos em silêncio, contemplando a Clara e a Solange no tapete. A vovó levantou e foi até um armário que ficava no corredor em direção ao quarto. O Mauro pulou no meu colo e eu comecei a fazer carinho nele. Voltou com um cigarro nos dedos e um álbum empoeirado. Nunca tinha visto a vovó fumar.

Ela começou a folhear o álbum, séria. Então, deu um sorriso sem mostrar os dentes e virou para nós. Olhou para o gato e soprou a fumaça em direção a ele. “Eu sei, eu sei... Seu chato.”

“Olha aqui.” Disse-me, indicando a foto de um jovem de cabelos negros e sorriso largo, que segurava uma moça loira nos braços.

— Seu avô era feliz, esperto, sagaz. Meio biruta também... mas eu o amava muito.

— Por que o Barney é tão quieto?

— O gato? Ah, é, o gato. Foi o único que não me custou nem um tostão. Ele apareceu em uma tarde chuvosa e deitou na varanda. Nunca mais foi embora.

— Vovó... qual a relação dos dois? Por que Barney?

Ficamos em silêncio outra vez. A vovó deu um longo suspiro e ficou olhando para a porta.

— Seu avô não foi sempre alegre e serelepe... Nos seus últimos meses, fechou-se para o mundo. Estava cansado. Começou a criticar as pessoas e esquecia frequentemente suas boas maneiras. O

Barney... O Barney, quando veio para cá, me deixou um presente na manhã seguinte. Eu sabia quem ele era e o dei esse nome.

— Que presente, vovó?

— É cedo pra isso, filha. Você é muito nova.

— Ai, tudo bem, então me diz por que o vovô ficou ranzinza de uma hora pra outra!

— Acho que não consigo, Sophia. Já faz tanto tempo e, ainda que esse gato cinza seja um fantasma do meu passado, contar a história me dói.

— Fantasma? O que aconteceu?

O cigarro da vovó acabara e ela se levantou do sofá. Eu estava começando a sentir uma sensação estranha, mas não disse nada. Fiquei ali sentada, acariciando o gato, que já estava quase dormindo.

— Há muito tempo, Sophia, eu fiz algo muito errado. Na verdade, pedi para fazerem por mim. No momento, pareceu a coisa certa... mas não era.

Olhei fixamente enquanto ela voltava para a sala. Estava com outro cigarro na mão, mas tinha devolvido o álbum à estante.

— Pensei que tudo tinha acabado depois que o seu avô partira. Até o dia em que o gato apareceu. E agora, eu tenho que conviver com o mais amargo dos meus arrependimentos. Todos os dias.

Vi uma lágrima escorrer pelo rosto da vovó e pensei em abraçá-la, mas me contive. Era um momento só dela. Eu queria saber o que aconteceu... Porém, eu podia esperar pela hora certa.

— Sabe, filha...

A voz ficou presa na boca da vovó, que tinha os olhos baixos, mas os levantou em direção à porta. Um vulto cinza entrou silenciosamente na sala carregando uma bola de pelos encharcada de sangue. O Barney olhou pra mim com aqueles grandes olhos amarelos e parou em frente à vovó. Largou o cadáver no chão e

virou de costas, indo para a porta. Calado, sério e arrependido. Um fantasma do passado. Vovó Ana acompanhou o gato com os olhos, depois se virou para mim.

— Todos nós temos segredos.

Carne

Leonardo Lorea Mattar

Precipitaram-se pelo muro sem destreza. Eram dois. Andaram com o corpo encolhido, a passos receosos, até um espaço protegido por grades, onde residiam, não por vontade própria, os leões. Os bichos estavam derramados ao chão, e assim continuaram, indulgentes e imóveis, arrotando indiferença pelos visitantes noturnos.

Sem distinguir essas minúcias, os jovens olharam-se por alguns segundos, puxaram os bolos de carne das mochilas, e os arremessaram no limite da potência de seus braços. Não esperaram, viraram-se e andaram, agora com mais rapidez, mas ainda com o corpo encolhido e a passos receosos. Jogaram-se para a rua pelo mesmo lugar por onde haviam entrado.

Naquela mesma noite, duas mulheres desceram do carro e andaram por nove quadras, observando com indisfarçável aflição, tudo o que se avizinhava. Alcançaram uma loja de produtos para animais domésticos e, sem hesitação, arrombaram a porta da entrada. Com as lanternas - embora pudessem ter ido às cegas -, seguiram sem desvios até as prateleiras que sustentavam as rações. Abriram os pacotes com repulsa. Fragmentos secos espalharam-se pelo piso, logo umedecidos pelas porções macias e molhadas dos recipientes menores. Das mochilas, retiraram garrafas de plástico abarrotadas de um líquido malcheiroso, e o lançaram ao chão. Sem conseguir desviar do lago fétido e charcoso, andaram com passos ludibriamente rotineiros pela calçada vazia.

A morte dos leões foi noticiada nos jornais da cidade. O ataque à loja foi ignorado.

Quatro pessoas ausentes das atividades da primeira noite seriam as próximas a agir. Duas duplas novamente. Não se encontrariam com seus pares, não trocariam impressões sobre a

solene noite inaugural. As ações iniciais já estavam decididas e planejadas, restava apenas cumpri-las.

Principiava o segundo ato. Julia desceu de seu apartamento e caminhou até o local combinado com Henrique, um bar de esquina, no qual mal cabiam as seis mesas de metal enferrujado que acomodavam os poucos clientes que resistiam até aquelas horas. Avançaram em silêncio por mais de quinze minutos. O destino desvelou-se à frente. Detiveram-se, balbuciaram algumas palavras, e foram adiante.

Saltaram o muro. Mas agora em outro zoológico. Conheciam cada pormenor do caminho que os levava às raposas. Lançaram os bolos de carne. Os animais, tediosos antes da inusitada visita, fizeram certa algazarra, mas a comida os deteve. Julia e Henrique retornaram pelo mesmo rumo. Pularam, atravessaram a rua em frente e caminharam, cada qual para um lado.

A loja de animais - não a mesma da noite anterior- foi invadida com facilidade. A ração foi jogada ao chão e banhada com o líquido fedorento.

Os jornais da cidade novamente ignoraram a loja, mas deram destaque para a morte das raposas. Leões são leões, as pessoas se interessam. Já as raposas, são bichos menos majestosos, existem de vários tipos e tamanhos. Mas, associadas à morte dos leões de dias atrás, renderam algumas linhas e certo interesse do público.

As atividades iniciais haviam sido realizadas com êxito e poucos revezes. Mas as ações parariam por dois meses. As invasões às lojas de produtos para animais passaram despercebidas em seu conjunto. Mas as mortes em zoológicos e parques espalhadas por dezoito países haviam levantado suspeitas, especialmente na Europa. Não era ainda tempo de tornar conhecidos o objetivo e as motivações do grupo.

Julia comemorou a pausa. Não por ter o ímpeto arrefecido depois da primeira experiência, menos ainda por ter perdido a fé no projeto que por tanto tempo acalentara, mas porque teria tempo para encontrar uma resposta para um tema que afligia sua consciência e fendia seu âmagô. Seu pequeno cachorro, simpático, branco e peludo, não havia se adaptado à dieta sem carne, mas Julia não pôde sacrificá-lo, como deveria. Sabia que não era justo continuar matando animais carnívoros e invadindo as lojas de rações, enquanto secretamente continuava alimentando seu cachorro com cadáveres de outros bichos.

Sabiá na janela

Mikael Mansur Martinelli

Hoje despertei mais tarde,
e não ouvi o bater da sabiá,
na vidraça da sala,
que sempre me avisou
que já estava de manhã.
Sabiá, sabiá,
Será que hoje não te ouvirei?
Será que me abandonou?
Ou resolveu bater num outro vidro hoje.
Ao tomar meu café,
olhei para a janela.
onde estará
minha amiga sabiá?

Aquele olhar

Nanci Otoni

Faltavam alguns dias para o Natal. Como sempre, eu estava sozinha, consumida em pensamentos insignificantes. Já era mais de uma hora da madrugada, e não conseguia dormir. As lágrimas teimosas rolavam pela minha face e não havia uma alma sequer para me consolar. A angústia tomava conta de todo o meu ser e pensei em me matar. Não, isso não! A dor continuava intensa e mais uma vez me veio a ideia de suicídio. Acabo com esse sofrimento de vez. Ninguém vai se importar!

Peguei a chave do carro, abri a porta devagarinho e me encaminhei para a garagem. Lá, bem em frente ao portão, estava você. Não sabia se estava vivo ou morto. Não senti pena, não senti nada, apenas o puxei para um canto para que pudesse passar com o carro. Entrei no automóvel, coloquei em ponto morto, igual a você, liguei-o, engatei a primeira marcha e saí de lá. Não fechei a garagem para não me deparar novamente com você, e segui o meu caminho rumo à ponte dos suicidas. Rodei alguns metros, lembrei que eram vésperas de Natal e que eu não havia feito nenhuma caridade. A consciência pesou, virei o carro e voltei. Você estava no mesmo lugar onde o deixei, só que virado. Está vivo. Levei você para dentro da minha casa, coloquei-o na minha cama e sentei na cadeira de balanço para contemplá-lo. Como era grande e bonito! Fiquei por horas ali, mas você não emitiu um só ruído e nem abriu os olhos.

Amanheceu. O que fazer com você? Estava largado naquela cama como se estivesse morto. O espírito natalino surgiu novamente, e eu chamei um curador. Você não reagia, mas estava ainda com os sinais vitais. Ele o medicou, falou para interná-lo, entretanto não me deu muitas esperanças. Nem sei se queria esperanças. A partir daquela hora, comecei a cuidar de você com toda dedicação. A noite chegou, o dia amanheceu e eu ainda estava

sentada naquela cadeira olhando para você que não reagia. Saí por um momento para fazer alguma coisa. Não lembro o quê. Quando voltei para o quarto, você estava noutra posição. Está vivo. Fiquei contente e ao mesmo tempo desesperada. O que fazer com você? Tirei algumas fotos suas e coloquei nas redes sociais. Ninguém se manifestou. Agora éramos somente nós dois. Cuidei de suas feridas, dei-te os medicamentos, mas não conseguia acreditar na sua recuperação. Dois dias se passaram sem qualquer reação sua. As feridas estavam se fechando. O remédio estava fazendo efeito. E você, por que continuava como morto? Estava a brincar comigo? Meio sem jeito, sentei ao seu lado e o toquei delicadamente. Você abriu os olhos. Acho que abriu... Não sei. Mas fechou novamente antes que eu pudesse ver como eram.

Coloquei um pouco de soro numa vasilha ao seu lado e saí do quarto. Depois de algumas horas voltei. Notei que o soro estava derramado e os seus olhos estavam me olhando. Não quero que me olhem. Saí do quarto e demorei pra voltar. Estava zangada e não sabia por quê. Fui vê-lo e o encontrei dormindo mais tranquilamente. Assim é melhor. Sentei-me novamente e me pus a contemplá-lo. A natureza foi muito caridosa com você. Agora, limpinho, estava muito mais bonito. Havia te dado um banho no dia anterior quando cuidei de suas feridas. Fiquei assim por muito tempo. Acho que adormeci. Quando acordei, ou pensei acordar, você me olhou docilmente como se estive me agradecendo. Fechei os olhos. Acho que adormeci.

Um dia antes do Natal, você andou pela cama e quase caiu. Foi amparado por mim que chegava naquela hora. Seu tonto! Você deitou novamente, mas não parava de me olhar. Não quero esse seu olhar. Saí do quarto e fui ao mercado comprar algumas coisas. Comprei muitas iguarias gostosas para você e muitos presentes. Você merece? Não sei, mas comprei assim mesmo. Logo mais seria noite de Natal e eu precisava ajudar alguém. Fui para casa e te

encontrei de pé no meio da minha sala. Você me olhou e, dessa vez, correspondi. Eu não devia, mas correspondi. Você chegou pertinho de mim, olhou-me novamente e parecia sorrir. Quanta loucura! Estava vendo coisas.

Finalmente chegou a noite de Natal. Sentei com você à mesa de jantar e ceamos. Você comeu bastante. Gostou, hein?! Coloquei em você alguns presentes que comprei e o aconcheguei em meus braços. Você era realmente lindo e olhava para mim com ternura. Apaguei as fotos suas que havia postado e resolvi ficar com você. Não queria que ninguém o encontrasse. Dormi como uma criança naquela noite.

Acordei bastante feliz no dia seguinte. Alguma coisa me chamava novamente para a vida. Estranho. Passei as mãos pela cama e não te encontrei. Cadê você? Lembrei-me de que não fechara a porta da cozinha na noite anterior, como o fizera nas outras. Levantei apavorada. Fui correndo até a porta e deparei com você em cima do muro a me olhar.

Numa piscada minha, foi embora para sempre da minha vida: aquele adorável e ingrato gato. Eu não devia ter olhado...

A travessia

Patrícia Maria da Conceição Silva Santos

Em uma lagoa no centro da zona urbana, resistiam alguns animais remanescentes aguardando sem pressa o triste desfecho agonizante de sua existência.

Aquele pequeno reduto maculado da natureza não resistiria por muito tempo. No verão suas águas recuavam deixando à mostra vestígios de que já fora tocada pelo homem; as queimadas deixavam-na desprotegida; há muito tempo suas águas, outrora cristalinas, tornaram-se destino certo para o despejo de esgoto vindo de casas, supermercados e muitos outros estabelecimentos ao seu redor. O progresso havia chegado, enfim, e veio pelas duas vias de uma larga avenida construída ao longo da lagoa e além.

Alguns corajosos animais se organizaram em pequenos grupos e partiram na esperança de que fora dali encontrariam a salvação de um fim trágico. Os que ficavam, apenas olhavam do alto do barranco os companheiros afastarem-se lentamente. Mas todos pereceram sob os pneus dos carros velozes que passavam indiferentes às vidas que lutavam pela vida. Nunca nenhum deles havia conseguido passar da avenida movimentada. Aos que assistiam a tudo, restava apenas chorar suas perdas dali mesmo do Barranco das Lamentações.

Entre esses animais estava um pequeno Cágado que sempre acompanhava de longe as tentativas frustradas e pensava consigo mesmo “deveriam ter sido mais ágeis”, “deveriam ter ouvido com atenção”.

Os animais que ficaram, após tantas perdas, não tinham mais coragem de sair por medo de perderem suas vidas, mas sofriam na pele as consequências de permanecer naquele lugar inóspito. Alguns foram capturados pelas traiçoeiras armadilhas do homem; outros morreram por contaminação das águas, outros

queimados pelas chamas da ganância. A população da lagoa e arredores ia diminuindo pouco a pouco.

A água escura já causava doenças aos animais. A mãe do Cágado, após muito tempo doente, faleceu e ele, agora adulto, ficou sozinho naquele habitat hostil. Depois de dias pensando, chegou à conclusão de que a lagoa já não era mais para ele.

Lembrou que todas as manhãs, sobre as pedras da lagoa, enquanto os primeiros raios de sol aqueciam seu corpo, sua mãe lhe contava histórias de como era a lagoa antes de os homens a descobrirem. Ela falava que suas águas eram límpidas e que havia comida suficiente para todos. A única preocupação dos moradores da lagoa eram os predadores e manter-se fora do seu caminho. A lagoa era protegida por uma densa floresta que matinha o santuário longe dos olhos ambiciosos dos homens. E a sinfonia de pássaros sempre anunciava o nascer de um novo dia. Certa manhã, porém, todos foram despertados não pelo canto dos pássaros e sim por um som que os assustou e os baniu para longe. Eram os homens destruindo as árvores uma a uma. Ela olhou para o céu e viu nuvens de fumaça que mais pareciam o prelúdio do fim. Os animais correram desorientados pela mata e ela apenas imergiu nas águas da lagoa. Dali em diante nada mais seria igual. Ela ainda era pequena, mas a lembrança permaneceu viva em sua memória até seu último suspiro. Viver tornou-se um desafio desleal, além de lutarem para permanecerem vivos, driblando a mãe natureza e sua cadeia alimentar, deveriam lutar contra os homens também. O Cágado não queria mais continuar ali. Estar na lagoa era sofrimento físico e mental, afinal era uma triste recordação de que sua hora iria chegar assim como a de sua mãe chegou. Estava decidido, iria fazer a travessia assim como os seus amigos tentaram no passado.

Quando os outros animais souberam da decisão dele, trataram logo de desencorajá-lo:

— Está louco, Cágado? Você era pequeno, mas deve se lembrar de que nossos amigos perderam a vida tentando fazer a travessia. *Eles* dentro daquelas coisas nunca vão deixar você chegar do outro lado. Além do mais, você nem sabe o que tem lá- disse a Jiboia.

— Você só pode ter perdido o juízo mesmo. Eu sei que você está triste desde que sua mãe morreu, mas não seja burro. Sua mãe iria querer que você vivesse. Não que fizesse essa travessia estúpida. Muitos outros tentaram antes de você. O que lhe faz pensar que é especial? *Eles* vão te matar- orientou o Jacaré.

— Eu entendo o que cada um pensa. Eu sei dos perigos e venho analisando tudo há anos. Eu estive lá desde pequeno com vocês observando meus irmãos e amigos tentando fazer a travessia, mas nunca conseguiram cruzar as duas linhas negras compridas. Quero saber o que tem do outro lado.

— Não acredito que você está falando isso. Pois o que tem do outro lado das linhas negras compridas eu não sei, mas sei o que tem *nas* linhas negras compridas: *Eles*. *Eles* estão lá e vão te matar.

— Não se preocupe, Jiboia. Eu já tomei minha decisão. Prefiro a incerteza do desconhecido, a me contentar com a morte certa neste lugar. Essa não é mais nossa casa há muito tempo. *Eles* vêm aqui, levam nossos amigos e família. Queimam as árvores e sujam tudo a nossa volta. Não vim aqui para ser convencido por vocês. Vim para comunicar a minha decisão e avisar da minha partida.

O Cágado então deixou a companhia dos amigos, mas não sem antes ouvi-los:

— Tolo! Morrerá antes de cruzar as linhas - implicou o Jacaré.

— Pobre sonhador! Prefiro ficar aqui mesmo que é lugar conhecido desde que nasci- completou a Jiboia.

O Cágado não deu ouvidos aos comentários dos amigos e foi para o Barranco das Lamentações, observar os carros que passavam e estudar como faria a travessia. Ficou a noite toda analisando como faria. Em certo momento, o Cágado sentiu-se cansado e seus olhos já ardiam de sono, mas ele não queria desistir, pois sabia que sua vida dependeria do sucesso da travessia.

Quando o dia clareava, o Cágado desceu o barranco passando pelos amigos:

— E então, Cágado Aventureiro, desistiu do seu intento? – zombou a Jiboia.

— Isso mesmo, filho, vá para sua casa e desista dessa ideia maluca. É o melhor que se tem a fazer- dizia o Jacaré.

O Cágado fez-se de surdo e continuou andando sem dar explicação aos que ficaram para trás. Ele preferiu economizar suas energias para seu plano de fuga e continuou caminhando para a lagoa. Nadou até o fundo e foi tentar descansar o corpo para logo mais a noite iniciar a empreitada.

No fundo do lago, o Cágado ensaiava mentalmente como agiria.

— Olá, Cágado! O que faz aqui agora? - perguntou o Bodó.

— Preciso economizar energias, pois vou embora desta lagoa hoje à noite.

— Faz muito bem. Eu já estou sem forças. Esta água está cada vez mais escura e seca cada dia mais. Eu não tenho como fugir daqui, pois sem água certamente morrerei, mas se você tem a oportunidade, fuja. Não fique aqui.

— Obrigado, Bodó. Os outros animais zombaram de mim e tentaram me desencorajar.

— Não dê ouvidos àqueles tolos. Não estão atentos aos sinais. Este lugar não vai durar por muito tempo. Vou deixar você descansar. Boa sorte na sua travessia- e o Bodó saiu deixando o Cágado com seus pensamentos.

Ele estava muito ansioso pela noite e mal conseguiu descansar, mas decidiu ficar imóvel para economizar suas energias, pois precisaria delas logo mais e também porque não queria ser incomodado pelos amigos com seus questionamentos.

Quando o sol se pôs, o Cágado subiu o Barranco das Lamentações e caminhou em direção à pista para iniciar a perigosa travessia. A Jiboia correu para avisar aos outros que o Cágado não havia mudado de ideia. Este, porém, nem ao menos olhou para trás, pois não queria arrepende-se da decisão tomada. Mesmo vacilante, olhou apenas para frente para o caminho que sabia não ser fácil, mas que poderia valer à pena.

— Você vai sair à noite? Sua espécie não deveria andar à noite – disse o Jacaré em tom de deboche.

— Decerto enlouqueceu mesmo. A noite escura é cúmplice daqueles que querem nos ferir. Você não verá quando *Eles* se aproximarem e morrerá sem saber como - disse a Jiboia.

Os animais haviam anunciado a aventura do Cágado e outras espécies também vieram desdenhar de sua decisão.

— Nenhum animal jamais tentou fazer isso à noite, Cágado tolo. Ainda mais você que só é ativo com a luz do sol- disse rindo a Tartaruga.

— Será um amigo a menos em nossa lagoa. Desista, Cágado! Ainda dá tempo. Além do mais, você nem sabe o que tem após as linhas negras compridas. Pode ser só mais destruição- insistiu a Jiboia.

Sentiu medo ao ouvir aquelas palavras. Lá no fundo uma voz lhe dizia para desistir que tudo aquilo era loucura, mas o desejo de sobreviver valia o risco. Ele já havia visto os colegas fazerem aquilo inúmeras vezes e no dia anterior havia estudado o percurso até onde sua vista alcançava. Era hora de começar a travessia.

Deu o primeiro passo na pista, seu corpo todo tremia, assim como a via quando os carros passavam em alta velocidade. Andou o

mais rápido que as patinhas curtas permitiram. O primeiro carro veloz se aproximou. Felizmente passou longe dele, mas ele pôde sentir o vento quase levando seu pequeno corpo consigo.

Ele continuou firme. Sentiu pela vibração do asfalto que o carro seguinte se aproximava e percebeu que vinha em sua direção. Caminhou o mais rápido que pôde para um buraco na pista. No dia anterior ele havia mapeado toda a via até onde sua vista alcançou e percebeu que os carros não passavam pelos buracos. Sabia que ali estaria a salvo. Apressou o passo e jogou-se dentro dele. Por pouco não foi acertado em cheio pelo pneu que passou raspando em seu casco. Ficou ali imóvel dentro do buraco, estudando qual seria seu próximo passo, enquanto os carros desviavam dele.

Ele não podia desistir. Sentiu o trepidar do asfalto novamente e percebeu que dava para sair do abrigo. Com certa dificuldade ele conseguiu e continuou andando. A vibração se aproximou e ele sentiu o carro mais perto. Percebeu que o pneu o esmagaria. Apressou o passo o máximo que pôde para escapar da roda e conseguiu. Ele escondeu a cabeça na lateral do casco deixando parte dela para fora. O carro passou por cima dele. Viu toda a parafernália do carro acima de si. "Foi por pouco", pensou. Notou que entre aquele carro e o seguinte não havia muita distância. Nem recuperou o fôlego e apressou logo o passo para alcançar o meio-fio, pois sabia que estaria seguro lá.

Havia andando metade do caminho. Já não conseguia mais ver a lagoa nem os amigos no Barranco das Lamentações. Esperou recuperar o fôlego para continuar o próximo passo: atravessar a segunda via. Nela o desafio era maior, pois do barranco, quando se preparava para aquele momento, só conseguia ver até a primeira via. A segunda era território novo para ele. Procurou um buraco para se abrigar, mas não havia. Teria que confiar apenas na vibração do chão.

Ao tentar descer do meio-fio, desequilibrou-se e rolou até o meio da segunda via caindo de casco para baixo. Ali movimentava os membros inutilmente golpeando o ar para desvirar-se. Olhou ao redor e via os carros se aproximando. Apenas fechava os olhos e torcia para não ser pego em cheio.

Estava tão perto e ao mesmo tempo tão longe de chegar do outro lado. “Talvez eles estivessem certos, afinal, e eu não passe de um Cágado tolo” - pensou ele, enquanto as patinhas continuavam debatendo-se freneticamente e os olhos estavam fixos nos carros. Um dos carros veio em alta velocidade e ele percebeu que o pneu o esmagaria. Apenas fechou os olhos e seus sentidos desligaram-se. Em sua mente veio a imagem de sua mãe e dele sobre as pedras da lagoa. Então sentiu que seu corpo levitava sobre o asfalto e ele pôde ver a lagoa e a avenida do alto. Viu o carro que o esmagaria parado perto dele.

— Olha só! Que bom que você não está machucado, amiguinho. Deixa eu te ajudar. Parece que você queria seguir em frente, não é? Então vamos lá – disse o homem que o segurava nas mãos.

Ele caminhou em direção ao outro lado da avenida com o Cágado na mão, como este queria, e seguiu em frente. Atravessou uma faixa de vegetação em direção ao rio e colocou o pequeno animal com as patas na água.

— Pronto! Está a salvo. O rio é todo seu. Siga seu caminho.

E o Cágado não sentiu medo do homem, sentiu-se seguro com ele. E percebeu ali, pela primeira vez, que nem todos *Eles* são maus. Que *Eles* podem ser o fim, mas também podem ser um recomeço.

Lalá, a lagartixa medrosa

Paulo Ismar

Quem não conhece aqueles bichinhos nervosinhos que andam bem rapidinho e que adoram subir pelas paredes e assustar as mães de algumas crianças? Pois vou contar a história de Lalá, uma simpática lagartixinha.

Lalá parecia uma lagartixa como outra qualquer de sua idade. Adorava brincar com outras amiguinhas lagartixas e também gostava muito quando seus pais levavam bichinhos para ela saborear. Mas Lalá tinha um problema: era dona de um tremendo medo de altura e seus passeios e brincadeiras eram feitos somente ao nível do chão. Quando outros amiguinhos a convidavam para brincar nas paredes, bem lá no alto, Lalá começava a tremer. Parecia que estava no meio de um tremendo inverno. Só que não. Era medo. Os papais de Lalá tentavam de tudo. Prometiam presentes, doces, passeios no parque e nada da Lalá seguir a tradição da família em escalar paredes de qualquer altura.

Seu Lagartixo em conversa com a dona Lagartixa, disse que estava muito chateado com a situação da filha que ele tanto gostava. Dona Lagartixa pediu para ele ter paciência, que um dia, tal qual uma flor, desabrocharia a alpinista que havia se escondido naquele corpinho marrom de quatro patas. Seu Lagartixo não acreditava que aquelas patinhas que foram feitas para subir qualquer parede seriam apenas enfeites para Lalá.

E a vida continuava para Lalá, com suas brincadeiras, seus amiguinhos, apenas se preocupando em comer bichinhos levados pelos seus pais. Então, um certo dia, Lalá não encontrou mais seus pais quando acordou. Olhou em volta e não reconhecia aquele lugar que seus miúdos olhinhos fitavam quase em desespero. "Onde estou", pensou aflita Lalá.

— Xiiii!!!! – Exclamou Lalá, se dando conta de que tinha se mudado, estava em um novo e desconhecido lar. Como costumava dormir escondidinha embaixo de um armário, não notou que a família da casa onde habitava tinha se mudado ao cair da tarde.

E agora, o que seria de Lalá, sozinha, em uma nova casa? Sua maior preocupação era conseguir comida, pois até então, sempre recebia as refeições de seus pais, sem muito esforço por causa do seu grande medo de altura. Muito pensativa, Lalá não notara que alguém a olhava do alto, curiosa para saber quem era a nova inquilina. Quando Lalá notou que estava sendo observada, se escondeu rapidinho embaixo do armário. Foi quando desceu rapidinha a lagartixa moradora daquela casa para conversar com Lalá.

Chegando de mansinho, como quem não quer nada, espia pelo cantinho da base do armário e provoca a desconhecida, perguntando se tinha alguém em casa. Lalá, timidamente mostra o focinho e diz:

— Tô perdida, sem meus pais. Como é o teu nome? – Perguntou Lalá à outra lagartixa.

— Tixa é como me chamavam na outra casa onde eu morava com minha família.

Tixa contou que também havia chegado ali através de uma mudança de outras pessoas que não demoraram muito tempo naquela casa. Confessou que antes estava solitária, mas agora estava feliz por ter recebido uma nova companheira. E ainda disse para Lalá que têm males que vêm para o bem. Lalá, ainda chateada, respondeu:

— Bom, só se for para ti, não tô achando graça de nada.

— Deixa disso, Lalá! Vamos subir as paredes que vou te mostrar o lugar e aproveitamos para fazer um lanchinho. Tá cheio de aranhas e outros insetos no forro desta velha casa.

Lalá, meio envergonhada, disse que não podia. Tixa retrucou que não acreditava que uma lagartixa não podia subir paredes. Mais envergonhada ainda, Lalá confessou seu medo de altura.

— Deixa de bobagem, menina – ordenou Tixa.

Pegando uma patinha de Lalá, Tixa a conduziu com cuidado para uma janela, e relutante Lalá acompanhou a nova amiga. Quando chegou no parapeito, Lalá olhou para fora da janela e quase morreu de susto. A casa era um sobrado e estavam no segundo andar.

— Como é alto– exclamou Lalá.

— Nem tanto– retrucou Tixa. Tem que ver a chaminé. E tá cheia de comidinha para nós.

Forçada pela fome e encorajada pela Tixa, Lalá criou coragem e seguiu atrás, ainda meio desconfiada. Neste momento desabrochou a coragem em Lalá, tal como profetizou dona Lagartixa, sua mãe. Rapidinho, como só as lagartixas sabem, Lalá atingiu o topo da chaminé. Tremendo, mas satisfeita por ter vencido o medo, começou a caçar bichinhos. Depois de um tempo, de barriguinha cheia e também cheia de orgulho de si mesma, olhou ao longe e lembrou-se de seus pais. Lembrou principalmente de Seu Lagartixo, a quem dedicou seu primeiro arrotto de uma refeição caçada por ela própria de uma altura bem maior do que de seu armário de estimação.

A morte do boi

Paulo Luís Ferreira

Numa manhã, de um sábado qualquer deste século XXI, ao lado do Mercado Municipal, na cidade de Carinhanha, extremo norte do estado da Bahia, às margens do Rio São Francisco, presenciei a cena brilhantemente iluminada pelo sol causticante do semiárido sertão nordestino. No asfalto de paralelepípedo, a quentura faiscava nas pedras. Ali iria ocorrer o abate de um boi. Essa imagem brutal ficou guardada em minha memória sobre os estertores da morte, da vida, do homem, do boi.

Assisti entorpecido o homem, de gestos secos e certos moldados a "arte" de matar. Sua função, atingir num só golpe a nuca do animal. A faca-peixeira de 24 polegadas é tirada da bainha. Num movimento largo e com destreza fia o fino vinco na pedra mó. Afiada, capaz de cortar até o silêncio que se estanca diante à morte.

Após o golpe o boi desmorona no chão, mas estrebucha e tenta resistir. A respiração ofegante. Os olhos arregalados agora choram antes da paralisação derradeira. O olhar esfumado se esvai para dentro de si, como se fora o espectador de sua própria morte. Aos poucos perdendo as forças, mas o brio da vida ainda presente no corpo ferido faz-se ainda vivo. E num último impulso e ato de coragem tenta inutilmente se levantar. O homem se arma para o próximo ataque. E agora com a destreza do gesto definitivo sangra a jugular do animal, que não mais reage.

O sangue é amparado por um grande alguidar de barro. Como um exímio cirurgião, o homem inicia a operação de retalhar o couro, desnudando o corpo do boi. O sangue escorre ainda quente. A carne e seu tecido muscular à mostra; ainda trêmulo pelos espasmos dos nervos vivos e das veias mortas.

Em seguida, o esquartejamento. O machado de ferro rompe os ossos. A faca é limada para manter o fino fio da navalha. A faca

afiada corta e recorta o boi em pedaços. A cabeça decepada se junta aos miúdos do corpo jogados em um canto. Os olhos continuam esbugalhados, observando suas próprias partes separadas da matéria, da vida. O ar impregnado do cheiro nauseabundo de sangue.

Em poucos minutos o corpo morto é apenas fragmentos que serão expostos e vendido no próprio mercado e nas bancas da feira. Ali a compra é feita por peças; cada um da assistência já tem seu pedaço escolhido. Carregado por uma carriola ou atando-o à ponta de um arame, numa espécie de gancho, é arrastado, levando cada um o seu naco de carne pelas ruas da cidade. Destino à mistura do almoço, do banquete. Da festa sobre o cadáver cozido do boi morto.

Chega hóspede amigo, serve-te!... O boi já não chora mais.

Sabiá do quintal

Pedro Galuchi

Cão dormindo no cantinho
Roupa seca no varal
No limoeiro um canarinho
Sabiá cantou pelo quintal

Não era o canto matinal
Tinha mais felicidade
Um instinto maternal
Espalhando novidade

Novo cantor para o coral
Filhote acaba de nascer
Por favor, não façam mal
Não sabe se defender

Sabiá cantou pelo quintal
Queria a todos avisar
Num gesto fraternal
Passarada a festejar

Como reis magos ao sinal
Rolinha veio xeretar
Esticou pescoço o pardal
Bem-te-vi pôs-se a alardear

Nova vida se prepara
Simple fato natural
Cena urbana tão rara
Sabiá nascendo no quintal

Missão cumprida afinal
Da hora de multiplicar
Sabiás partiram do quintal
Família toda a viajar

Da janela me despeço!
Vai Sabiá!... Volte um dia
É só isso que lhe peço
Macho, fêmea, traga a cria

Vem tomar banho na bacia
Me acordar com a cantoria
E se precisar de um ninho
Terá sempre um galhinho

Sabiá!
Vem cantar no meu quintal

Floquinho

Regina Ruth Rincon Caires

Tarde monótona... Calorenta e preguiçosa.

A “Sessão da Tarde” mostra um filme que já vi, pelo menos, quatro vezes. Falta de imaginação! Parece que o programador de TV se esquece daqueles que estudam de manhã. Repete os filmes com tamanha frequência que, em alguns deles consigo, em minha mente, antever a cena com minúcias, com detalhes. Sou capaz de descrever a roupa que a protagonista usará em seguida, o modelo, a cor. Esse programador não bota fé na minha memória! Acho que nem na memória, nem no meu “leque” de opções!

Hoje ele até tem razão. Estou mesmo sem opção. Sozinha aqui na sala, meu irmão na escola. Não tenho a mínima vontade de desenhar, que é meu passatempo predileto, nem de fazer meus deveres, e para ser sincera, não quero ver filme algum.

Com esse calorzinho, até o sofá sempre aconchegante, perde seus encantos. Não me ajeito nele. Está quente! O jeito é pegar o almofadão e me esticar no chão mesmo.

Ainda bem...

Barulho de carro na garagem. Deve ser meu pai. Está na hora dele chegar do trabalho. Menos mau! Pelo menos terei com quem conversar.

— Baixinha!

É a voz do meu pai. Que será que está acontecendo? Ele está me chamando lá de fora, e sua voz parece um pouco alterada! Será que ficou sabendo do meu ponto negativo em Português por não ter feito a tarefa de ontem?! Deus do céu! Acho que vem bronca por aí!

— Já vou, pai!

Respondo e corro para abrir a porta. Tenho que parecer solícita, gentil. Se for bronca, ele ficará um pouco sensibilizado com meu gesto. Que Deus me ajude!

Ele foi mais rápido. Antes mesmo que eu chegasse à porta, ele estava diante de mim. Uma cara estranha! Parece calmo, mas seus olhos mostram ansiedade. Droga! Como é duro estar com a consciência pesada! Talvez ele nem esteja sabendo do meu ponto negativo, mas dentro da minha cabeça é só isso que ferve.

— Baixinha, trouxe um presente pra você!

Graças a Deus! Ele ainda não sabe... A bronca vai demorar um pouco mais a chegar.

Preciso de alguns segundos para me recompor, organizar minhas ideias, acalmar meus ânimos. Estava aflita com a expectativa de uma bronca e recebo um presente! Ainda bem que ele nem percebeu o meu sufoco.

Fixo os olhos na caixa de sapatos que ele traz nas mãos. Que será que tem dentro?! Deve ser alguma fruta. Ah! Já sei! Morangos! Sou vidrada em moranguinhos, e ele sempre os traz. É bem verdade que nunca os trouxe dentro de uma caixa de sapatos, mas pode acontecer...

— Vamos ver se você adivinha?!

Enquanto fala, suspende a caixa de maneira que não consigo tocá-la, e nem perceber o que há dentro.

— Moranguinhos?

— Está frio, gelado... Longe disso...

Bem, não sendo fruta, o que pode ser? Sapato eu sei que não é. Isso quem compra é minha mãe.

— Não sei, papai. Não tenho a menor ideia.

Percebendo que eu não descobriria a surpresa, ele abaixou a caixa lentamente. Notei que a tampa estava toda esburacada, e pensei num passarinho.

Nem tive tempo de abrir a boca, e ele retirou a tampa. Tive a visão mais linda de toda a minha vida! No canto da caixinha, uma bolinha de pelos brancos lembrando flocos de algodão, dois olhinhos negros, redondos, feito duas jabuticabas, focinho comprido, orelhas caídas... O cachorrinho mais fofo que já pude imaginar!

Fico fascinada! Abraço a caixinha, ele ergue a cabecinha como se quisesse me cheirar. É minúsculo. Com minhas mãos sou capaz de cobri-lo todinho!

— Posso pegá-lo no colo, papai?

— É claro, baixinha! É seu e você saberá a melhor maneira de tratá-lo. Precisa dos mesmos cuidados de um bebê, lembre-se disso.

Que fofura! Quentinho, indefeso, meigo, faceiro. É um cachorrinho de sorte! Cair justamente em minhas mãos?! Vai ser muito feliz, tenho certeza.

Não poderia ter chegado numa hora melhor! Até me esqueci da chatice do filme, do calor, do programador incompetente. Tenho que providenciar uma caixa maior para ele dormir, um pratinho de leite, um paninho fofinho para forrar a caixa... Antes quero segurá-lo no colo mais um pouquinho. Meu amiguinho! Não terei mais tardes monótonas. Que se danem os filmes repetidos!

Tenho que batizá-lo. Ele precisa ter um nome. Fácilimo! Seu nome será a sua semelhança! Ele parece flocos de algodão, então seu nome será FLOQUINHO! O meu Floquinho.

— Papai, pode dar leite pra ele?

— Dê aos poucos, ele é muito novinho e, se beber demais, com certeza, terá cólicas.

— Não vai ter perigo! Vou colocar só um pouquinho.

Engraçado, ele não quer beber no pratinho. Será que com uma colherinha funciona?! Vou tentar... Não quer. Se ao menos eu

tivesse uma mamadeira! Ah! Já sei! Vou usar o conta-gotas. O safadinho adorou a ideia! Preciso da paciência de Jó... Reabasteci o conta-gotas cinco vezes!

Como é lindo! Não vejo a hora de poder pular e brincar com ele. Sei que vai demorar um pouco. Por enquanto dorme quase o tempo todo. Mexo com ele para que acorde. Ergue a cabecinha, entreabre os olhinhos com a maior preguiça do mundo, vira a cabecinha para o outro lado, e dorme novamente. Acho que nem acorda, faz tudo isso dormindo.

Com todo esse alvoroço, até me esqueci de agradecer o papai. Mas, não tem importância. Ele já viu minha gratidão na alegria. Não poderia haver presente melhor! Acertou em cheio!

Hum! Já tem "caca" na caixinha... Se o Floquinho continuar fazendo essas coisas com esse cheirinho, tenho certeza de que mamãe não o deixará dentro de casa. Preciso ensiná-lo a fazer essas coisas na terrinha. Lá no jardim. Fica mais civilizado! Será?!

Que bênção é o meu Floquinho! Tornou os meus dias mais completos, alegres, motivados. Na escola, fico animada, e esse ânimo faz a aula passar num instante. Conto os minutos de voltar para casa e ficar com ele. Já pensei até em levá-lo pra escola, escondido na bolsa. O problema é que penso naquelas "coisinhas" que ele faz. Sujaria todos os meus cadernos. E penso também, que poderia chorar dentro da classe, e aí a professora ficaria uma fera! Melhor, não.

Está crescendo e já me conhece de longe. Parece uma bolinha de algodão correndo pela casa, em minha direção. O rabinho, incrivelmente peludo, fica como hélice girando em meia circunferência. Lembra um limpador de para-brisa em ritmo acelerado. É um doce!

Curioso! Tem os mesmos gostos meus. Adora doces, carne, morango, melancia, sorvete... O que ele adora mesmo é carinho! Não pode me ver sentada que vem todo insinuante, faceiro,

esfregando-se nos meus tornozelos, pedindo colo e chamego. É só estender minha mão, e ele deita nela a sua cabecinha para que eu acaricie suas orelhas. É uma criança! Isso mesmo! Parece que sente o que eu sinto!

Enquanto faço os meus deveres, fica deitado perto da minha cadeira. E espera. Ao menor movimento meu, ele também se levanta. Parece ser minha sombra! Tenho que ter muito cuidado para não pisar nele tamanho é o grude! Não se afasta dos meus pés. Até no banheiro ele me acompanha! Inteligente demais. Fica observando o meu banho, deitado no tapete perto da pia.

Fico impressionada com sua percepção! Conhece o barulho do carro do papai, da mamãe, o barulho da bicicleta do meu irmão... Basta um deles chegar no portão de casa para que ele corra até à porta e fique arranhando o vidro. Será que pensa como eu?! Às vezes fico olhando para ele, e tenho a impressão de que ele está pensando. Pela carinha malandra dele, imagino que fica se divertindo com a ideia de que está me enganando. Não sei, mas às vezes ele tem um ar irônico. Sou capaz de jurar que meu Floquinho pensa! Como pode fazer tudo tão certinho se não pensar? Será que os cientistas já estudaram a fundo o cérebro de um cachorro?

Não sei. Floquinho tem um ar estranho, maroto! Penso que se diverte com a minha ingenuidade. Quando estou tomando banho e noto que ele fica tombando a cabecinha de um lado para o outro, com aqueles olhinhos negros abotoados em mim, fico encabulada e, envergonhada, trato logo de fechar o *box*. Sei lá o que se passa nessa cabecinha!

Seu comportamento é encantador! Não estraga as coisas, não bagunça a casa. No começo ainda arrastava meus sapatos pelo chão, mas fui ensinando que não podia, e logo ele deixou esse costume. Morre de frio quando toma banho! Mas, mesmo assim, fica calminho. Tremelicando, mas calminho. Não se importa com o barulho do secador, e é capaz de ficar meia hora em pé, no mesmo

lugar, esperando que a minha mãe acabe de secá-lo e escove seu pelo. É docemente fantástico!

Floquinho não cresce mais. Papai diz que ele já se tornou um cão adulto. Adulto... Até parece gente! Ainda tenho muitas dúvidas sobre a ciência desse animal. Não vou me assustar se daqui a alguns anos ficar comprovada a existência do sistema emocional dos cães similar ao dos seres humanos. Acho que já existe alguma coisa nesse sentido, preciso pesquisar.

Minha mãe conta que a filha de uma amiga dela era tão agitada, tão agitada, tão irrequieta, que provocou "stress" num cachorrinho. O bichinho não podia perceber a chegada da menina que corria se esconder debaixo da cama, e fingia estar dormindo, negando-se a brincar. Ficou tão esgotado que a única saída era se esconder! Isso, pra mim, é coisa de gente!

É tão simples conhecer as vontades, as carências do meu Floquinho! Basta olhá-lo para saber que não é insensível, que não é destituído de sentimentos. Sei quando quer carinho, quando quer água, comida, quando quer passear. Agora sei que está se sentindo só, está querendo namorar! Isto mesmo! É adulto e está querendo uma companheira!

Meu amiguinho, não se preocupe, fique tranquilo... Hoje mesmo falo com meu pai sobre isso. Logo, logo você terá uma parceira!

Minie

Renata Leone

Meu anjo da guarda tinha o dente torto, franjas no nariz,
[olhar cristalino e latido rouco.
Quantas mil confissões, brincadeiras, poemas e promessas!
A lembrança de teu olhar puro, entre frestas...

Eu te lia e você a mim em completo silêncio!
É tão bonito este encontro de almas, em que nada se profere
[e tudo se compreende.
Você era um presságio bom, uma notícia que se aguarda...
Ansiosamente!

Minha estrela do mar e tantos apelidos, sem rimas ou
[prontos a rimar
No piso de madeira, o cadenciado de suas patas abria a porta
[e inundava o ambiente de luz...
Só enxergava você e mais nada!

Ó meu anjo da alma pura e do olhar cristalino,
[por que você se foi?

Todos os dias e no mesmo horário me lembro da sua comida,
[do seu remédio, do seu
jeito de pedir colocando a pata sobre o meu pé,
[da cabeça nos meus braços...
O desespero me invade e o pranto me sucumbe,
[tão forte era o nosso laço!

Quando caía a noite eu te cobria com o seu cobertor xadrez,
[o mesmo manto que cobriu

a sua morte... Tudo isto ficou marcado.
A saudade é imensa, eu nunca irei te esquecer, dói muito
[e murmuro entre dentes o teu
nome tão curto, mas com tanto significado!

Quem sabe um dia, minha doce filha de quatro patas,
[a gente possa se reencontrar entre
campos de trigo ou em qualquer lugar lindo, ouvir novamente
[o seu latido!

Amigo

Robinson Silva Alves

Quando chego
Em casa calado
Você desconfiado
Chega de mansinho
Querendo colo
Um pouquinho de carinho

Eu cansado
Deste mundo vago
Cheio de maldade
Encontro na minha casa
O que significa lealdade

Tão pequeno
Mas grande companheiro
Alegre,
Travesso,
Bagunceiro

Transformo-me então em menino
Menino arredio
Que corre descalço
Com seu cachorrinho

Traz de volta
Meu sorriso
Meu cachorro
Meu amigo.

A borboleta e a aranha

Silvia Ferrante

A borboleta de tão livre que é
prende-se na teia
Sinais mandados e a aranha
poderosa e dona de si
vem chegando aos poucos

A borboleta ainda tenta sair dali;
impossível
Quanto mais ela mexe,
mais a teia adere
em suas asas coloridas

E a borboleta em desassossego
sente a presença poderosa
chegando aos poucos, bem devagar

A aranha é cruel
parece gostar desse desespero,
desse sofrer

Ou talvez, seja só
a sua natureza indiferente
que a faz caminhar assim

Aos poucos a aranha aproxima-se
e logo, logo fica frente a frente
com a pobre borboleta colorida

Esta está totalmente impotente
e, cansada, crê não ter mais o que fazer

A aranha anda em volta,
observa sua presa
se delicia com seu sofrer

De repente, num gesto louco
a aranha beija a borboleta apavorada
Beijo de amor e de morte

E a borboleta agora em paz
voa livre em outros jardins

Um dia na roça

Soeli Tiegs

Nasci no mato, no mato me criei. Entretanto, hoje sou rapariga da cidade. Chique, não? Se vocês pensam que tenho saudade do interior, estão completamente equivocados. Podem me chamar de anti não sei o que, mas eu adoro o conforto que a "city" me proporciona. E quem acha que estou sendo injusta, vá viver lá na roça, pra ver o que é bom! Mas tem de ir pro batente!

Bem, deixemos de prosa, que eu quero contar um conto. Pois muito bem. Vim para esse mundo numa vila chamada Alto Bela Vista. Antigamente, para descrevê-la aqui na metrópole, eu dizia: "Ih, lá não tem isso, nem aquilo, e nem aquele outro...". Mas dá uma canseira dos nãoos que hoje digo: "Tem isso! E é só!". Bem, continuemos. A essa altura meus amigos já devem estar pensando: lá vem a mesma ladainha de sempre.

Falando em sempre, sempre tive azar com os bichos. Certo dia brincava eu sorridente no potreiro, quando uma das vaquinhas, não sei por que cargas d'água, resolveu apostar corrida em minha direção. Bom, não preciso dizer que coloquei os bofes pela boca de tanto correr, quando finalmente lembrei do velho truque – correr ao redor de uma árvore. Passada a perna na ruminante, foi um miserento dum lagarto que, descendo o morro a todo vapor (a estas alturas eu já estava na trilha da roça para buscar melancia) passou por entre as minhas pernas, batendo seu lindo rabinho horizontalmente, o que fez com que eu, tal qual Terezinha de Jesus, fosse ao chão... Se alguém tivesse presenciado a cena, diria, com toda segurança, que eu adorava cheirar a terra.

Continuei trilhando o árduo caminho, por entre pedras, espinhos, sol ardente, canas-de-açúcar com suas tenras folhas cortantes, caxumba (traduzindo: inço), com as calças impregnadas de semente de picão – levaria alguns quartos de hora para retirá-los,

quando, ao entrar na mata virgem, deparo com uma simpática e felpuda aranha preta, estufando o peito, espumando: pronta para dar o bote. Tive de matar a coitadinha, afinal, ou ela, ou eu. Cheguei ao roçado, e tive de recolher os pés de soja, jogá-los sobre uma lona, onde as vagens eram abertas da seguinte forma: um pau amarrado a outro por uma tira de couro, e muque que te quero. Dali resultavam bolhas e uma coceira que durava, no mínimo, três dias. Mas havia chegado a hora do lanche.

Água morna e pão cheio de formigas marrons, de bumbum avantajado. Por mais viva que você fosse, alguma sempre conseguia furar sua pele e dar uma mijadinha salgada sobre a picada. Falando em necessidades fisiológicas sólidas, eis que eu estava me esvaindo, supostamente escondida atrás de uma moita, quando debocha um passarinho – “Bem-te-vi! Bem-te-vi!”. Dias atrás o danado já tinha tirado um baita sarro porque caí de bunda ao tentar arrancar um pé de amendoim encravado. Ah, se eu estivesse com meu bodoque, ele iria ver só! Enfim, peguei duas melancias, pus num saco, amarrei-o e as equilibrei – frente e costas – e ia cantarolando mata adentro, quando, para despertar um pouco mais minha emoção, vi uma cobra com a língua de fora, deslizando por entre as lindas folhas secas. Pensei em deixá-la viver, saltei e novamente: bumbum ao chão. Mas a dor maior foi ver minhas melancias rolando morro abaixo, batendo num monte de pedras e despedaçando-se. Juntei os restos mortais e os levei para as galinhas.

Já era hora de ordenhar. Levei uma rabada na cara, meu chapéu voou longe. Cantei algumas canções para acalmar a vaca, o que fez com que ela se inspirasse, abrisse as pernas e plof, plof, plof! Não bastasse o cheiro, chegaram as galinhas para bicar alguns grãos de milho ainda não digeridos. Que nojo! E pensar que depois eu comeria aquela ave! Os mosquitos e as moscas não gostavam só de mim – levei um coice e o balde com o leite voou longe. Com o que sobrou, tratei o terneiro, que mordeu meus dedos (a gente botava a

mão dentro do balde, com os dedos para cima, para ele pensar que era o ubre da vaca)! Em seguida, no paiol, enquanto separava algumas espigas de milho para dar de comer aos porcos, senti em minha mão algo quente e macio, que emitiu um som agudo (sempre soube que milho era um ser inanimado) – “hecs fui!” (tradução: que nojo!). Era um ninho de ratos, ainda sem pelo, cor-de-rosa. Bati a mão com força, para soltar os tipinhos, e a gata apoderou-se deles.

Outra novela na hora de recolher os ovos. Vocês devem estar pensando: que exagero! Espero que nunca tenham precisado tirar ovos sob uma galinha choca. Levei um quilo de bicadas, até que, com a adrenalina já estampada na minha cara, estivei a teimosa com uma ripa bem comprida. Fui obrigada a deixar o galinheiro aberto, já que alguns frangos ainda paqueravam nos arredores. Tive de voltar para fechar a porta no escuro. Vocês não sabem o quanto isso me custou! Subi o trecho cantarolando, pois dizem que quem canta seus males espanta. Falava sozinha, gesticulava. Tinha certeza de que assim afastaria qualquer ser vivo que tentasse me atacar.

Aliás, as imagens projetadas através da lua eram temerosas. Olhei para ela, dei um berro! Droga, até lá dentro tinha um bicho, que eu não consegui identificar... Fechei o portão de supetão e voltei pulando os degraus de pedra de três em três lances, quando dei de cara com um sapo. Ele abriu a bocarra e saltou. Ai! Saco, precisava me assustar daquele jeito? O alvo era um inseto.

Na hora do jantar, a cozinha encheu de pequenas borboletas e besouros, que davam rasantes em minha cabeça: uns caíram no meu prato, outros bateram com a fuça no lampião e, bem-feito, caíram de costas - não me dariam mais trabalho.

Fui dormir e sonhei que tinha um elástico forte apertando meu pulso. Quando acordei, vi um simpático morcego pendurado na cortina da porta de meu quarto, e notei que tinha marcas em meu braço. As vacas já mugiam querendo o café da manhã...

Encontro marcado

Thais Evangelista

O gato Torquato surgiu em cima do telhado.

Estava todo molhado, coitado...

A ratazana Suzana deu uma de tirana, abriu a persiana e sorriu

[comendo uma banana.

O gato Torquato, mesmo acabrunhado, fingiu não estar

[envergonhado.

Desceu pelo muro, todo atrapalhado.

A ratazana Suzana posava de bacana, tomando chá na xícara de

[porcelana.

O encontro marcado aconteceu na cozinha do cãozinho Romeu.

O gato Torquato ficou impressionado com a bonança da cabana.

Naquela choupana havia de tudo: coleira, cadeira e até geladeira.

Mas o gato Torquato estava enfeitiçado.

Só conseguia pensar no peixe empalhado que jazia na parede

[ao seu lado.

Será que lhe dariam aquela iguaria?

Sem pensar e sem pesar, o gato Torquato abocanhou o seu jantar.

Deu um susto em todo mundo, aquele gato bigodudo.

A ratazana Suzana gargalhou soberana, rolando na cama.

O cãozinho Romeu não acreditou no que o gato comeu.

Que peixe empalhado que nada... Aquilo era uma pedra talhada!

Passarinho

Tiago Arauto

Deus me fez passarinho.
Mas não quero cantar.
Preso nesta gaiola.
Eu só quero chorar.

Quando consigo ouvir.
Um outro passarinho.
Cantar perto daqui.
Não me sinto sozinho.

Mas te peço, amigo.
Cante em outro lugar.
Que aqui eles podem.
Querer te aprisionar.

Eu que tinha o espaço.
Todo o céu pra voar.
Estou preso aqui.
Sem chance de escapar.

Não disseram meu crime.
Por que me condenar.
Se cantar for errado.
Nunca mais vou cantar.

Os ratos vão pro céu?

Vitor Miranda

ouvi um barulho lá embaixo. eram ratos. eles habitavam a sala. viviam no forro da estante. faziam barulhinhos incomodáveis. porém, a gente não deixaria quieto. meus pais armaram um plano, ou melhor, compraram uma ratoeira. daquelas ratoeiras-gaiolas. o rato entra pra comer o alimento e nunca mais sai dali. acho que foi o que aconteceu comigo nessa vida. entrei pra comer um queijo e nunca mais saí. adoro queijos. os ratos nem tanto. o problema é ficar preso neste mundo cruel.

naquela época ainda não entendia a maldade do ser humano. nem sabia que existia. se bem que na escola, a cada dia uma pessoa era escolhida pra ser o rato. na verdade, os ratos eram sempre os mesmos e não existia esse negócio de *bullying*. já fui rato e sei como é. já ouvi histórias de ratos que se mataram por aí. cansaram de ser cobaias de piadinhas maléficas e desapareceram do colégio. foram parar num rio sujo feito uma ratazana ou se mataram por causa de um queijo. como se o queijo fosse a paz que eles procuravam. enquanto existir seres humanos vivos não haverá paz.

ouvi meu pai caminhar pelo corredor. a luz do corredor estava acesa. tenho medo do escuro e ela iluminava o quarto. pulei da cama e fui acordar meu irmão. ele falava enquanto dormia, mas tinha o sono pesado. ele tinha uns treze anos e eu uns nove nessa época de nossas vidas.

— acorda, acorda!

— que foi? – disse ele com voz sonolenta.

— acho que é um rato!

era o primeiro rato de nossas vidas. ele pulou da cama e corremos seguindo meu pai que já descia a escada.

— volta pra cama meninos. – disse minha mãe da porta de seu quarto.

— o que aconteceu? – perguntou minha irmã que sofria de insônia infantil.

— o rato! – gritamos eu e meu irmão.

— deixe os meninos. – disse meu pai.

— ai que nojo. eu não vou lá. – falou minha irmã.

meu pai acendeu a luz da sala e lá estava ele feito um ratinho de laboratório que acabara de receber um câncer de presente. corria pra todos os lados feito um fugitivo de filme policial americano quando entra num beco sem saída. e ele não tinha saída. a morte estava próxima.

— e agora o que a gente faz? – perguntou meu irmão.

— tem que dar um jeito de matar ele. se eu soubesse, não tinha usado essa ratoeira.

— e mata como?

— boa pergunta... – disse meu pai.

ficamos pensando enquanto o rato tentava um novo caminho. o alimento dentro da gaiola estava intacto. ele não deve ter entrado ali por isso. os ratos são inteligentes e convivem com o ser humano a cerca de dez mil anos. acho que raul seixas falava sobre eles na música "eu nasci há 10 mil anos atrás".

— e se a gente colocasse a gaiola num balde d'água? – sugeri.

— boa ideia.

levamos a ratoeira até o quintal. era uma bela noite de lua cheia. os lobisomens estavam em paris ou em algum lugar da europa. enchemos um balde d'água até a boca. meu pai pegou a ratoeira e a afogou n'água que começou a jorrar do balde.

— cuidado com essa água, meninos. ratos transmitem doenças. – alertou meu pai.

os ratos transmitem cerca de 55 doenças para o ser humano. resta saber quantas doenças os seres humanos transmitem para os ratos. mas isso pouco importa. o ser humano se fez do personagem principal aqui neste mundo. por isso vivemos contando a história da humanidade. estamos cagando pras outras espécies em extinção e matar um rato se torna um ato normal. rato é uma peste e precisa ser exterminada, por isso existem os dedetizadores. por sorte dos ratos e azar dos seres humanos, existem três ratos para cada um de nós e uma fêmea pode reproduzir cerca de duzentos filhotinhos por ano. se um rato pudesse escrever um livro sobre a história da "ratanidade", eles seriam os heróis e não os inimigos. eles venceriam a guerra da peste negra. talvez exista uma grande guerra mundial entre os ratos, que a gente não sabe. são mais de mil e setecentas espécies espalhadas pelo mundo. quem sabe um dia eu faça um filme sobre ratinhos que fazem experiências em seres humanos de laboratório chamado "o planeta dos ratos".

enquanto eu lhes falava um pouco sobre a espécie, nosso ratinho estava preso à gaiola submersa. ele nadava desesperadamente sem conseguir sair debaixo d'água. o luar iluminava a água e a gente conseguia ver a expressão de desespero do nosso amigo. a sentença de morte foi dada e ele nem pode se defender. agora ele era tão próximo de mim... quando vemos o sofrimento de um ser vivo de perto, a gente percebe que não há diferença alguma entre nós. os ratos nascem, crescem, fazem o que tem que ser feito pra sobreviver e de repente morrem. às vezes, são assassinados por outros ratos, ou por outras espécies de seres vivos. eu sou um homem ou um rato? não passo de um ser humano de merda que aos nove anos de idade encarou a morte de frente. os ratos duram cerca de dois minutos respirando dentro d'água. nesses dois minutos, nenhum de nós três esboçou reação alguma. o ratinho afundava, parecia perder a consciência e depois voltava a nadar até encontrar as grades. as grades são a repressão dos sonhos. ratos

devem ter sonhos, desejos e devem fazer planos. acabamos com os sonhos desse. ainda vejo até hoje a imagem dele afundando na água já sem vida. um pouco de nossas vidas se afundou com ele no fundo daquele balde e a gente sabia disso. meu pai despejou a água no ralo e deixou a gaiola por ali. fomos dormir sem dizer nada, com a luz do corredor acesa. meu irmão pegou no sono rápido e falou bastante durante a noite. tive medo de morrer pela primeira vez na vida e chorei. resolvi falar com deus:

— os ratos vão pro céu?

O cachorrinho da vizinha

Wilson Duarte

Ter um animalzinho em casa
é bom em todos os sentidos.
É sempre um bom companheiro
quando a ele se dá ouvidos.

O cachorrinho daquela casa
não recebe o tratamento adequado.
Movimenta-se de um lado para outro
e nenhum nutriente lhe é dado.

Água também é algo raro
a ser colocado na cumbuquinha.
Penso que ele só mata a sede
quando ocorre uma chuvinha...

Para que manter um animal assim
se por ele não há qualquer amor.
É preferível doá-lo a alguém
que o trate melhor, para onde ele for!

Sobre os autores

Alberto Arecchi: Autor brasileiro. Contato: *alberto.arecchi@libero.it*.

Alcidéa Miguel: Autora brasileira. Contato: *alcidea.miguel@gmail.com*.

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo. Contato: *writer.aldy@gmail.com*.

Ana Carolina Gonzaga: Mineira, nascida em Belo Horizonte, Ana Carolina Gonzaga é estudante do curso de Jornalismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), escreve poesias desde os 10 anos de idade, e busca seguir carreira como escritora com objetivo de uma antologia completa com poesias inéditas de sua própria autoria. Contato: *anagonzaga27@outlook.com*.

André Foltran: Nasceu em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em 1996. É tradutor, formado em Tradução pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi premiado em dezenas de concursos literários, tendo poemas publicados em diversas antologias, revistas e suplementos literários. Mantém o blog pessoal Caderno: <http://andrefoltran.blogspot.com>. Contato: *andre.f.s.foltran@gmail.com*.

André Galvão: Nasceu em Salvador e atualmente vive em Amargosa-BA. Licenciado em Letras pela UESB, Mestre em Literatura pela UEFS e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (Portugal). Publicou o livro de poemas Redescobrir-se: poesias de fim de século, pelo Selo Editorial Letras da Bahia / FUNCEB (1998) em coautoria, e o livro de poemas A Travessia das Eras, pela Editora Penalux (2018). Publicou também o livro O Coronelismo na Literatura: Espaços de Poder, pela Editora UFRB (2018). Foi premiado nos concursos literários Damário Dacruz (Fundação Pedro Calmon) e Literacidade – Poesia e Prosa. Integra a Plataforma Virtual Mapa da Palavra (FUNCEB/ SECULT-BA). Participou de diversas antologias literárias e escreveu artigos para jornais e revistas no estado da Bahia. Contato: *almgalvao@uol.com.br*.

Arthur Furtado Tomain: Autor brasileiro. Contato: *arthurtomain@gmail.com*

Carolini Assmann: Mora no Rio Grande do Sul; em 2017 lançou seu primeiro livro "Seis Meses"; participou da Bienal do Rio de Janeiro e da Feira do livro de Porto Alegre. Em 2018 Lançou seu segundo livro "Bem", participou da Bienal de

São Paulo. Participação nas coletâneas: Coletânea Poesias de Amor, Editora Perse; Coletânea Amor por Patas, Editora Perse; Coletânea Em busca do conto perfeito, Editora Big Time; Coletânea Porque comigo?, Editora Perse; Coletânea Sonhei que, Editora Perse; Conto Virus, Revista Litera Livre; Coletânea de Poesias, Editora Chiado; Short Story Bandit Love, Adelaide Literary Awards Contest; Antologia de Poesias. Contato: *caroliniassmann@yahoo.com.br*.

Cristina Pezel: Publicitária, administradora e Pós-Graduada em gestão de Educação. Residente em Niterói, iniciou sua carreira literária em 2013, escrevendo vários contos e poesias que foram premiados e publicados em antologias de concursos literários por todo o Brasil. Publicou ainda contos na Revista Trásgo e na Antologia “Nada Elementar”, da Editora Caligo, e teve conto selecionado para publicação em antologia da Editora Draco (lançamento em 2019). Contato: *cristinapezel@gmail.com*.

Dora Oliveira: é mineira de Ipatinga. Autora do romance “No canto escuro do coração” e “Cataclismos e benquerer” – crônicas. Publicou contos, crônicas e poesias em várias antologias. Destacou-se em concursos literários como: I Concurso de contos de Lins/SP; concurso de poesias da Universidade Federal de São João Del-Rey; Concurso Felipe D’Oliveira, categoria crônica, Santa Maria/RS; 15º Prêmio Paulo Setúbal, Tatuí/SP e XXV Concurso Acrísio de Camapgo, Indaiatuba/SP. Contato: *escdoraoliveira@gmail.com*.

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: *edillongo@yahoo.com.br*.

Edson Amaro de Souza: Participou da antologia “Trescalante”, da editora Jogo de Palavras, com o poema “Oito Anos”. Publicou em formato e-book no site da Amazon e para o Kindle suas traduções de “Discursos Sobre A Primeira Década de Tito Lívio”, de Maquiavel; “Valperga”, de Mary Shelley; “O Rei Saul”, de Vittorio Alfieri; “Carta da Jamaica”, de Simón Bolívar e “Thomas Morus”, de Silvío Pellico. Contato: *plantearvores2@gmail.com*.

Emanuel Santos Fernandes: Minha biografia tem mais de mini do que de bio, tenho 23 anos, tenho parentes professores, hoje sou universitário por desafio, escrevo poemas amaldiçoados e amaldiçoado fui por reconhecimentos. Contato: *emanueltopazio95@gmail.com*.

Evandro Valentim de Melo: Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador; e escritor. Publicou Guardiões do cerrado (Assis, 2018); Aventura no cerrado (Assis, 2017); Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá (Assis, 2016), Cliques narrativos: um romance em crônicas (Assis, 2014); e “Causos” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Possui premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participa de diversas antologias. Contato: *ordnave.melo@gmail.com*.

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva: 20 anos, apaixonada por literatura e escrita, de Sorocaba (SP). Participou de projetos como “Postais” do Correio do Porto – Portugal, Projeto “Doce Poesia Doce” de 2017e das Antologias “Apenas Mais Um Livro de Amor”, “Obscura Epifania” e “Um Presente de Natal” da Editora Jogo de Palavras. Além disso, escreveu artigos para web revistas como a “Literalmente Intrigante”, posts para a página no Facebook “Poesia Muda” e proporciona aulas de literatura e escrita, com conteúdo de ensino médio, pela internet ou de forma voluntária. Contato: *gabriela-rodrigues13@outlook.com*.

Guilherme Ferreira Silva: Doutorando em direito na UFMG, mestre e bacharel em direito pela PUC-MG. Professor de direito na FASEH. Advogado e assessor técnico-legislativo. Contato: *Guilherme.direito@yahoo.com.br*.

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na Internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra mais de uma trintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico. Contato: *episcopum@hotmail.com*.

João Pedro Marques Morgado: nasce em 1989 em Alcobaca, onde passa a sua infância e adolescência. Aos 18 anos, muda-se para Lisboa. Licencia-se em Cinema pela Escola Superior de Teatro e Comunicação do Instituto Politécnico de Lisboa e depois Línguas, Literaturas e Culturas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conclui também um mestrado em Linguística pela mesma universidade. Durante o presente ano, iniciará um doutoramento na área de ciências humanas. Atualmente, trabalha como professor de português como língua estrangeira na embaixada da Indonésia. Além da literatura, dedica-se igualmente à ilustração e à música, compondo, escrevendo, tocando e cantando, procurando agora seguir uma carreira profissional nesta área. A sua página de artista pode ser consultada em <https://www.facebook.com/joaooliveiramusica/>. Contato: *john.olivetree@gmail.com*.

Josafá de Oros: Autor brasileiro. Contato: *josafadeoros@gmail.com*.

José Renato Ferraz da Silveira: Nascido em São Paulo, no ano de 1978. Professor Associado I do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/RS. Doutor em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autor de quatro livros (Sob o signo da Fênix, Sob o signo das Valquírias, A tragédia da política em Ricardo III, A tragédia da política em Ricardo II). Contato: *jreferraz@hotmail.com*.

Julia Celeste Pereira de Araujo: Pernambucana, casada e graduada em Biomedicina. Atualmente, estudante do curso de Letras Língua Portuguesa e escritora de poesias, contos e artigos para blogs. Percebeu que essa era a área em que realmente sentia realização em atuar, de forma que optou por não exercer mais sua antiga profissão. Agora, dedica-se às palavras que desde criança a acompanharam e são sua fonte de inspiração. Contato: *juliaceleste@yahoo.com.br*.

Karol Póss: Nasceu em 1998 e mantém seu blog pessoal, Elfo Livre, em um amor pela escrita que começou a se desenvolver desde a infância, quando rabiscava cadernos com pequenos poemas que se perderam com o tempo. Hoje, estudante do curso de Letras, com um pequeno público simpaticante com seu blog e com alguns textos já publicados em antologias, busca profissionalizar a sua paixão na meta de, algum dia, poder viver daquilo que ama. Enquanto isso, nas horas vagas se delicia em livros, filmes e seriados, adquirindo bagagem cultural e muito prazer. Contato: *karolposs@hotmail.com*.

Leonardo Lorea Mattar: Autor brasileiro. Contato: *loreamattar@yahoo.com*.

Léo Ottesen: Escritor e poeta gaúcho, natural da cidade do Rio Grande. Autor dos livros: “mas enfim” (editora Clube de Autores, 2015); “para eles: poemas dedicados” (idem, 2016); “Caio: a primavera das pessoas” (editora Multifoco, 2016); “Sobre sete cores brilhantes” (editora Amazon, 2018). Contato: *ottesen.leo@gmail.com*.

Mikael Mansur Martinelli: é Colatinense do Espírito Santo. Biólogo, professor e taxidermista. Publica suas pesquisas em revistas científicas do Brasil. Trabalhou como revisor do periódico “Revista Brasileira de Biociências”. Participou do projeto de pesquisa “Biodiverses I” e “Biodiverses II”. Participou das antologias: “Concurso nacional novos poetas CNNP – 2018” e da “I Antologia Poética do Recanto das Letras”. “O pé de jambo e a fábrica de refrigerante” é seu primeiro livro e já escreve o seu segundo “Famigerada culpa”, também de poesias. Contato: *mansurmartinelli@gmail.com*.

Nanci Otoni: mineira, nasceu em 1964 na pequena cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. Perdeu o pai muito jovem. A mãe, Ana Oliveira Otoni, era contadora de histórias. O mundo fantástico da imaginação e o prazer de estudar foram o legado herdado pela autora que adora ler, escrever e contar histórias. Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia. Exerce os cargos de professora de Língua Portuguesa e Orientadora Educacional em escola pública do Estado de Minas Gerais. Poeta premiada em concurso literário em sua cidade é ainda convidada a escrever poemas para eventos culturais em seu município. Lançou o seu primeiro livro: "Os fios da vida" em 2017. Contato: *nanciotoni@hotmail.com*.

Regina Ruth Rincon Caires: 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos. Contato: *reginaruthrinconcaires@gmail.com*.

Patrícia Maria Conceição Silva Santos: é brasileira licenciada em Letras e graduanda em Direito. É natural de Teresina no Piauí e reside em Timon no Maranhão. Começou a escrever roteiro de peças teatrais para apresentações escolares, daí pegou gosto pela escrita de histórias. Desde criança é fascinada pelo mundo da leitura e da imaginação. É autora de romances e contos com temáticas diversas. Contato: *patty_gnr@hotmail.com*.

Paulo Ismar: Nascido em Alegrete/RS, no dia 25 de fevereiro de 1968, ao som dos tamborins de um domingo de carnaval. Profissional de Marketing por necessidade e também porque gosta. Dublê de escritor e poeta nas horas vagas por necessidade (da alma). Às vezes participa de concursos literários, já tendo sido publicado em algumas coletâneas de contos e poesias. Ainda não teve coragem de escrever um romance, por receio de se entregar de corpo e alma à escrita. Contato: *pauloismar68@hotmail.com*.

Paulo Luís Ferreira: é natural de Recife/Pe. Nascido em 17/07/1953. Fotógrafo de profissão. Graduado em História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro, e ganhou o "Prêmio Estímulo à Literatura", pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo. Outros contos foram publicados pelas Revistas Literárias: "Tantas Letras" e Ponto e Contraponto. Publicação nas revistas virtuais: "Literalmente Intrigante" e "Literalivre". Menção Honrosa: Concurso Miau de Literatura com o livro de contos "Os Malefícios do Humor" pela Editora Costelas Felinas. Menção honrosa no "Prêmio Bunkyo de Literatura; têm contos editados pela Big Time Editora. Selecionado e já editados nas Antologias: Inverno, Amor, Primavera, Terror e Natal, por esta mesma Editora, Jogo de Palavras. Tem um Romance, "Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã", e "Século XXI", (contos), disponível em (www.clubedeautores.com.br) Contato: *pluis.177@globomail.com*.

Pedro Galuchi: nascido em São Paulo, 1955. Membro da Academia Itanhaense de Letras - cadeira 18 (Monteiro Lobato). Poeta, cronista, foi professor de Educação Física e Diretor de Escola da PMSP. Graduado em Pedagogia, Jornalismo e Direito. Livros publicados: "À Independência, Entre Rios", "Falando de amor e outras coisas mais", "Vampiros... do outro lado do muro", "Caminhos do Mar", "Cenas Urbanas", "Resistência". Coletâneas – Palavras ao Vento (AIL 2017), Folhas ao Vento (2016), A mulher em narrativas (UNISO Sorocaba 2017), O Caminho do Haikai (2018). Contato: *plugal01@gmail.com*.

Renata Leone: Paulistana, nascida em 15 de janeiro de 1978, pós-graduada em Direito da Comunicação Digital pela FMU. Participante da Bienal internacional do livro através de duas antologias do Prêmio Valdeck de Almeida Jesus. Fundadora do Ciclo de Poesias Lispector em parceria com a Prefeitura de São Paulo. Participante da Antologia do grupo Português Poetas em desassossego, com lançamento de um E-book e de outras três antologias através da Oficina de poesias do professor Lourival Sodrê. Contato: *renataleone@msn.com*.

Robinson Silva Alves: Nascido em Coaraci-Ba, ingressando nos caminhos da poesia onde teve a satisfação de possuir premiações literárias, bem como também diversas publicações em antologias e revistas literárias. Atualmente faz parte de uma associação cultural e curso de Especialização em Gestão Cultural. Contato: *hiatuspoeta@gmail.com.br*.

Silvia Ferrante: Nasceu e vive em São João da Boa Vista - SP. É cantora, compositora, produtora de shows e fotógrafa premiada. Escreve desde sua adolescência e possui 2 romances ficção, 1 livro de contos e 3 livros infantis editados. Várias vezes premiada em Concursos Literários, é Membro da Academia de Letras de sua cidade, eleita em 2008. Sempre muito procurada para proferir palestras em Escolas, Universidades e Instituições em geral. Fala principalmente sobre Música e Literatura. Contato: *silviaferrante2@gmail.com*.

Soeli Tiegs: Graduada em Letras (UFPR), obteve menções em prosa e poesia, inclusive em espanhol. Publicou Ponteio (poesias) em 2018. Contato: *stiegs@terra.com.br*.

Thais Evangelista: nasceu em 1978 e é natural de Tianguá, Ceará. Graduada em Enfermagem. Trabalha como servidora pública federal na Justiça do Trabalho no Estado do Ceará. Quando criança gostava de escrever histórias e poesias, que ficaram esquecidas em diários perdidos no tempo. Contato: *thais.brito1978@gmail.com*.

Tiago Arauto: Aprendeu a ler aos seis anos de idade. Depois, tendo herdado o gosto pela leitura da mãe, passou a ler muito, desde centenas de gibis, dos quais

fazia coleção e anos mais tarde, livros de filosofia e ainda começou a se interessar por música. Então começou a compor e cantar no estilo de Rock, tendo feito parte de duas bandas e hoje ainda compõe e canta, mas se dedica mais à poesia. Escreve mais seguindo a temática existencialista e o cotidiano. Contato: *superaothiago@yahoo.com.br*.

Vitor Luiz de Miranda: 29 anos, é fotógrafo e escritor paulistano. Publicou “num mar de solidão” pela editora Giostri, “a gente não quer voltar pra casa” pela Kotter Editorial e “poemas de amor deixados na portaria” independente. Este último deu origem à Banda da Portaria, na qual é poeta e letrista. Contato: *vitor_coto@hotmail.com*.

Wilson Duarte: Graduado em Comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP. Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI – Associação dos escritores, poetas e trovadores de Itatiba/SP e pela Litteris Editora/RJ, além de participação na antologia Literatura de Outono, Ed. Jogo de Palavras/SP. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro Comunicação e Sociedade, Volume 1, da Cortez Editora e anteriormente foi correspondente no Brasil da revista KO Mundial, editada na Argentina. Contato: *widuf@bol.com.br*.

Sobre os organizadores

Érica de Oliveira: Nascida em 03 de fevereiro de 1992, é formada em Letras: Português, Inglês e Respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. Trabalha como prestadora de serviços editoriais e é responsável pelo setor de antologias da Editora Jogo de Palavras. Contato: *oliveira.ERICA0302@hotmail.com*.

João Paulo Hergesel: Nascido em 25 de julho de 1992, João Paulo Hergesel é um escritor brasileiro residente em Alumínio (SP). É doutorando em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), mestre em Comunicação e Cultura e licenciado em Letras pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Dedicar-se à produção literária, com foco na literatura infantojuvenil, e à pesquisa na área da Narrativas Midiáticas com foco no estudo do estilo. Autor de livros com temáticas diversas e com participações em várias antologias, coleciona dezenas de prêmios literários, nacionais e internacionais – entre eles: Prêmio Barco a Vapor (Fundação SM), Desafio dos Escritores (Câmara dos Deputados), Cancioneiro Poético (Instituto Piaget Portugal), Concurso Monteiro Lobato de Contos Infantis (SESC-DF) e Prêmio Ganymedes José de Literatura Infantil e Juvenil (União Brasileira de Escritores). Contato: *jp_hergesel@hotmail.com*.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em março de 2019.